



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

MAELLY INGRID LIMA COLARES

**AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE GÊNEROS NA UNILAB E NOS
PAÍSES LUSO-AFRICANOS DA INTEGRAÇÃO**

ACARAPE

2016

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MAELLY INGRID LIMA COLARES

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos de Sousa Silva

ACARAPE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Colares, Maelly Ingrid Lima.

C649r

As relações de poder entre gêneros na unilab e nos países luso-africanos da integração / Maelly Ingrid Lima Colares. - Redenção, 2016.

62f: il.

Monografia - Curso de Humanidades - Trimestral, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos de Sousa Silva.

1. Relações de gênero. 2. Igualdade - Aspectos sociais. 3. Países lusoafrianos. 4. Unilab. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306

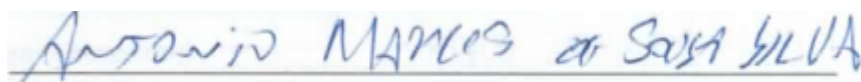
MAELLY INGRID LIMA COLARES

AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE GÊNEROS NA UNILAB E NOS PAÍSES
LUSO-AFRICANOS DA INTEGRAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao
curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências
Humanas da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para a
obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 12 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, reading "Antonio Marcos de Sousa Silva", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Antonio Marcos de Sousa Silva (orientador)

A handwritten signature in blue ink, reading "Violeta Maria de Sequeira Holanda", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Violeta Maria de Sequeira Holanda

A handwritten signature in blue ink, reading "Luana Antunes Costa", written over a horizontal line.

Profa. Dra. Luana Antunes Costa

Dedico este trabalho a Deus, a minha querida mãe, que sempre me proporcionou uma vida confortável com muito amor e carinho, meu tudo. À memória de meu pai, que não está presente para viver e se alegrar neste momento tão importante da minha vida, mas sempre estará em meu coração. A minha querida Avó, e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a vida e a oportunidade de viver momentos tão felizes, e sou grata por sua misericórdia e seu amor que sinto todo dia. Agradeço a minha preciosa mãe Ivoneide, que apesar de todas dificuldades nunca desistiu de mim, mesmo passando por situações desagradáveis, decidiu escolher que eu vivesse, sempre serei agradecida por tudo que fez por mim mãe, e se hoje estou aqui, é devido ao seu amor e cuidado ao longo de toda minha vida, te amo mais que tudo.

Também agradeço ao meu pai Max, mesmo não estando presente, sei que ficaria feliz por mim por este momento tão especial, te amo para sempre. Agradeço a minha querida Avó Mazé, que sempre esteve presente e cuida de mim até hoje, com todo seu carinho, amor e generosidade. Agradeço aos meus irmãos Iandra e Isaque, que deram um gostinho melhor a minha vida desde de que eu soube de suas existências, e também ao meu padrasto que proporcionou um novo lar a minha mãe.

Dedico também a minha querida Avó Lurdes, minha segunda mãe, que sempre me deu amor e carinho enquanto pôde, te amo eternamente *Mainha*. Agradeço as minhas tias Mercedes e Neide por tanto me ajudarem, agradeço as minhas primas Guilhermina, Karine e Carol, por sempre se preocuparem comigo e estarem sempre ao meu lado, e a toda minha família em geral. Também agradeço a pessoas essenciais na minha vida, em especial meu namorado Celestino, que tanto me ajuda e sempre está nos momentos que mais preciso, te amo. Aos meus primos e amigos: Daniela, Suraya, Raquel, Mayara, Galileia, Brena, Eduardo, Francisco, Rafael, José e Guilhermano.

E por fim agradeço a todos os professores da Unilab que contribuíram para minha formação acadêmica ao longo destes quase três anos, em especial ao meu orientador Antônio Marcos de Sousa Silva, ao professor Sebastião André Alves de Lima, e aos queridos estudantes que colaboraram com meu trabalho, compartilhando suas vivencias, e pontos de vistas. Muito obrigado a todos.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a análise sobre as relações de gênero nos países africanos de língua portuguesa: Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e São Tomé e Príncipe. Procura compreender como se processa a dominação masculina nesses países a partir das falas dos estudantes oriundos desses países que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A pesquisa também analisou como esses estudantes percebem as relações de gênero no contexto universitário da Unilab em Redenção no estado do Ceará. O debate problematiza os contextos de opressões nos quais as mulheres estão inseridas na sociedade africana, sejam eles na cultura, na religião ou no Estado. Se faz presente também no decorrer do trabalho a ênfase aos desafios e avanços dos movimentos feministas nos países pesquisados, que encontram resistência em sociedades predominantemente patriarcais; os direitos e conquistas das mulheres desde a independência de algumas destas nações; o protagonismo feminino na política e em outras áreas e a luta pela igualdade de gênero, dando espaço a um novo modelo social. O estudo de assumiu um caráter qualitativo, a partir de da vivência da pesquisadora com grupos de estudantes destes países, assim como a realização de entrevistas semi-estruturadas nas imediações da UNILAB, nos campi dos Palmares e Liberdade, localizados nos municípios de Acarape e Redenção, respectivamente, no interior do Estado do Ceará.

PALAVRAS-CHAVES: Dominação masculina, Igualdade de gênero, Países lusoafrianos, Unilab.

ABSTRACT

The present work has as main theme the discussion about the gender gap in the Portuguese-speaking African countries, which are Angola, Cape Verde, Guinea Bissau, Mozambique and Sao Tome and Principe, based on the statements of students from these countries Who study at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, who also report how this relationship occurs in the university context and in the cities where the university is located. The debate that problematizes the contexts of oppression in which women are inserted in African society, of a strong masculine domination, be they in the culture, religion or State, is present in the course of the work, that also emphasizes the challenges and advances of the Feminist movements in the countries surveyed, who find resistance in predominantly patriarchal societies, the rights and achievements of women since the independence of these nations, female protagonism in politics and other areas, and the struggle for gender equality, giving space to a new model social. The qualitative study as carried out in the vicinity of UNILAB, in the Palmares and Liberdade campuses, located in the municipalities of Acarape and Redenção, respectively, in the interior of the state of Ceará.

KEYWORDS: MALE DOMINATION, GENDER EQUALITY, LUSO-AFRICAN COUNTRIES, UNILAB.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Caminhos metodológicos.....	12
CAPÍTULO II - DOMINAÇÃO MASCULINA X FEMINISMO: O EMBATE NOS PAÍSES LUSÓFONOS DA ÁFRICA	
2.1. Dominação masculina, cultura, e a influência da religião.....	17
2.2 A família matriarcal e suas possíveis interconecções com o feminismo.....	22
2.3 Direitos e conquistas das mulheres africanas: política e carreira profissional	27
CAPÍTULO III - TABUS E PRECONCEITOS SOFRIDOS PELA MULHER NA SOCIEDADE AFRICANA	
3.1 Gravidez na adolescência: E agora?	30
3.2 “Não quero casar”: as consequências de uma escolha.....	35
3.3 A luta pela promoção da Igualdade de gênero.....	38
CAPÍTULO IV - DO OUTRO LADO DO OCEANO: AS RELAÇÕES ENTRE GENEROS NA UNILAB	
4.1 A UNILAB e sua proposta internacional.....	42
4.2 As mudanças comportamentais provenientes de choques culturais.....	45
4.3 As Comparações dos estudantes de parâmetros societários sobre gênero entre África e Brasil (países lusófonos/Acarape-Redenção CE)	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6 REFERÊNCIAS.....	56
APENDICE A.....	61

1 INTRODUÇÃO

O tema do trabalho apresentado é: As relações de poder entre gêneros na UNILAB e nos países luso-africanos da integração. Primeiramente, antes de um aprofundamento sobre o principal tema deste trabalho, abordarei o projeto da Universidade e também os países que fazem parte desta cooperação internacional. A Universidade da Integração internacional da Lusofonia afro-brasileira tem seu projeto idealizado em 2008, pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, que encaminhou a criação da Unilab como projeto de Lei nº 3891 para o Congresso Nacional (DIÓGENES, AGUIAR, 2013, p.30). Com a proposta da cooperação Sul-Sul e alianças com a CPLP, o Brasil se propõe a criar relações com África, para promover o desenvolvimento destes países que compõem esses órgãos:

A proposta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (Unilab) procura garantir uma sintonia com as demandas do Brasil e das demais nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe [...] O Brasil tem se esforçado, junto à comunidade internacional, em adotar compromissos para o desenvolvimento da África. Nesse sentido, a Unilab se adapta às recomendações que indicam a importância de as universidades se dedicarem à busca do desenvolvimento econômico e social e à promoção da pesquisa. Esta instituição de ensino superior, desse modo, representa um avanço na política brasileira de cooperação com a CPLP, refletindo o engajamento do Brasil com a proposta da comunidade internacional (DIÓGENES, AGUIAR, 2013, p.12).

A implantação da Universidade no interior do Ceará proporcionou a jovens desta região o acesso ao ensino superior e promoveu relações entre estudantes de Brasil e África, o que incentivou a escolha do tema deste trabalho, e através do contato que tive com os estudantes destes países, pude coletar informações acerca da questão de gênero, como se dava a relação entre homem e mulher no contexto nos quais os estudantes vivenciaram em seus países.

O debate acerca da igualdade de gênero é um dos temas mais contemporâneos no mundo. No ano de 2010, a assembleia geral da ONU (Organização das Nações Unidas), criou a ONU mulheres, uma entidade com o intuito de discutir e promover os direitos das mulheres na África, Ásia, Europa, Américas e Caribe, que tem sua diretoria e membros do Conselho Executivo compostas por representantes destes continentes e seus

respectivos países (UM-WOMEN, 2016). Há grandes desafios a serem ultrapassados para que se possa conseguir genuinamente a promoção da igualdade de gênero no mundo, como vemos neste trecho no site da ONU mulheres:

A igualdade de gênero não é apenas um direito humano básico, mas a sua concretização tem enormes implicações socioeconômicas. Empoderar as mulheres impulsionam economias mais prósperas, estimulando a produtividade e o crescimento. No entanto, as desigualdades de gênero permanecem profundamente arraigadas nas sociedades. Muitas mulheres não têm acesso a um trabalho decente e ainda têm que enfrentar as disparidades salariais ocupacionais de segregação e de gênero. Muitas vezes lhes são negados o acesso à educação básica e saúde. Mulheres em todas as partes do mundo sofrem violência e discriminação. Eles estão sub-representados nos processos decisórios na política e na economia. Por muitos anos, a ONU tem enfrentado sérios desafios nos seus esforços para promover a igualdade de gênero no mundo, incluindo financiamento inadequado e nenhuma representação única reconhecida para dirigir as atividades da ONU em questões de igualdade de gênero. A ONU Mulheres foi criada para resolver tais desafios. A agência é uma instância forte e dinâmica voltada para as mulheres e meninas, proporcionando-lhes uma voz poderosa a nível global, regional e local (ONU MULHERES, 2016).

Diante de tantas limitações impostas às mulheres, especificamente as mulheres africanas dos países lusófonos, podemos fazer o seguinte questionamento: Porque as mulheres são inferiorizadas? Onde podemos encontrar os meios de legitimação para essa subordinação feminina? Porque os movimentos feministas são vistos como antiafricano até pelas mulheres? É tentando responder a estes questionamentos que o trabalho irá se desenvolver. De acordo com a ONU, as mulheres têm uma importante participação no desenvolvimento de seus países, sendo fundamentais para o avanço na economia, e em questões sociais também.

É com base nestes preceitos da promoção da igualdade de gênero, que desenvolvi o estudo dentro da UNILAB, juntamente com os estudantes estrangeiros dos países lusófonos africanos que são Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, interpellando sobre como as relações entre gênero se dão nessas sociedades predominantemente patriarcais. Qual a posição da mulher nessas sociedades, os meios de opressão às mulheres legitimados pelas religiões, culturas e tradições existentes nestes países, sempre problematizando tais contextos.

A autora Paulina Chiziane fala sobre a religião como instrumento de opressão, neste trecho de sua obra *Eu mulher...por uma nova visão de mundo*¹:

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas idéias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher (CHIZIANE, 2013, p.200).

Além da religião, vamos expor no decorrer do trabalho, outros fatores que impõe a subordinação da mulher e sua inferioridade diante do homem, como as culturas, etnias e tradições destes países, deixando bem claro que este trabalho não irá se aprofundar nas etnias de cada país pesquisado, mas algumas serão citadas para exemplificar estes contextos de inferiorização da mulher e também aquelas que são consideradas etnias matriarcais. Sobre a definição de cultura, “pois, é um termo vasto e complexo, englobando vários aspectos da vida dos grupos humanos. Não existe ainda um consenso entre antropólogos acerca do que seja a cultura. Afirma-se que existem mais de 160 definições de cultura” (MARCONI; PRESOTTO, p. 21-22 apud OLIVEIRA, 2010, p.1). Porém, há conceitos sobre cultura que são bastantes aceitos e também tem o consenso da maioria dos antropólogos, como este:

A cultura não é uma herança genética, mas o resultado da inserção do ser humano em determinados contextos sociais. É a adaptação da pessoa aos diferentes ambientes pelos quais passa e vive. Através da cultura o ser humano é capaz de vencer obstáculos, superar situações complicadas e modificar o seu habitat, embora tal modificação nem sempre seja a mais favorável para a humanidade, como podemos perceber atualmente. Desse modo a cultura pode ser definida como algo adquirido, aprendido e também acumulativo, resultante da experiência de várias gerações. Porém, enquanto aprendiz o ser humano pode sempre criar, inventar, mudar. Ele não é um simples receptor, mas também um criador de cultura. Por isso a cultura está sempre em processo de mudança. Em muitos casos pode até ser modificada com muita rapidez e violência, dependendo dos processos a que for submetida. Desta forma o ser humano não é somente o produto da cultura, mas, igualmente, produtor de cultura (LARAIA, 2009, p. 30-58 apud OLIVEIRA, 2010, p.2).

Então, de acordo com LARAIA (2009) a cultura não é algo imutável. Apesar de estarmos falando de etnias africanas que são de famílias patriarcais, também há aquelas que são matriarcais, que iremos ver no decorrer do trabalho, exemplificações sobre estes diferentes tipos de famílias.

Um dos objetivos deste trabalho é fazer uma abordagem geral sobre a vivência das mulheres com relação a contextos já definidos anteriormente, nestes cinco países pesquisados, sempre procurando embasamento na fala dos estudantes fazendo uma relação com autoras (es) que também discutem sobre esta temática na sociedade africana, e incentivar os estudantes participantes da pesquisa a fazerem uma profunda análise sobre este tema. A intenção de pesquisar todos os países africanos que fazem parte desta cooperação internacional foi adquirir o máximo de informações destes países com relação ao tema, e fazer comparações entre as falas dos estudantes, detectando características comuns entre estes países.

1.1 Caminhos metodológicos

Com relação à pesquisa, seu delineamento é de caráter exploratório e teve como objetivo inteirar-se sobre a cultura, a fim de saber a posição da mulher na sociedade africana, mediante a presença de dominação masculina nos países africanos que fazem parte da cooperação com a UNILAB. Segundo Gil (2002, p. 41) este tipo de pesquisa tem como finalidade o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos ao fato estudado”, ou seja, no caso deste trabalho, caracterizar o processo de dominação masculina, e também suas vicissitudes nos países africanos lusófonos que fazem parte da Unilab, buscando fazer uma análise com a vivência dos estudantes estrangeiros em seus países de origem e aqui no Brasil através da UNILAB, mediante a este tema.

A opção pela análise qualitativa deu-se pelo fato de que, no decorrer do meu curso de Bacharelado em Humanidades, construí sólidas amizades com um grupo de estudante destes países. Esse tipo de análise trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser reduzidos à operacionalização

variáveis (MINAYO, 2001). A autora Teresa Maria Frota Haguette faz um contraposto de ideias entre a metodologia qualitativa e a quantitativa na pesquisa:

Enquanto os quantitativistas justificam seu uso sob o argumento de impossibilidade de geração de dados estatísticos ou por razões de custo ou rapidez na pesquisa (Boudon, 1971, Lazarsfeld, 1969), os qualitativistas afirmam seja a superioridade do método que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face a configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos. (HAGUETTE, 1987, p.63)

Com relação ao delineamento da pesquisa, foi classificada como estudo de campo. Neste sentido, Gil (2002, p. 129) relata que “não há como definir a priori as etapas a serem seguidas em todas as pesquisas dessa natureza. Isso porque, a especificidade de cada estudo acaba por ditar seus próprios levantamentos”. O autor afirma ainda que esse tipo de delineamento é bem mais amplo do que os levantamentos. Segundo ele, o estudo de campo “inicia-se com um plano bem geral, visto que este tipo de delineamento leva em consideração, principalmente, os objetivos da pesquisa”. As seleções dos participantes para a coleta de dados costumam ser definidas somente após exploração preliminar da situação (GIL, 2002, p. 129).

Os colaboradores que participaram dessa pesquisa foram justamente os alunos da Universidade da integração internacional da Lusofonia Afro Brasileira. Os participantes foram divididos em 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres que estavam estudando aqui no Brasil há mais de um ano e meio. Foram usados para esta pesquisa, materiais, como: caneta, caderno, notebook e celular para fazer as gravações. A aplicação das entrevistas, ora ocorreu em lugares livres de barulhos, ora não. No restaurante universitário (RU), por exemplo, fiz muitas entrevistas, devido ao tempo dos estudantes, pois muitos só tinham o horário de almoço ou jantar disponível. Portanto, as entrevistas foram feitas nas dependências da Unilab, mais precisamente no Campus dos palmares, localizado na cidade de Acarape-CE, entre os dias 10 a 27 de abril de 2016.

Foi utilizado a entrevista semiestruturada como meio para a coleta dos dados.

Segundo os autores D'Oliveira, Lima e Luna (1996), que também dissertam acerca da entrevista semiestruturada, a entrevista guiada pode permitir ao entrevistador utilizar um 'guia' de temas a ser explorado durante o percurso da entrevista [...] Desta forma, o pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, baseados neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista. O entrevistado tem a total liberdade de expressar-se como ele quiser guiado pelo entrevistador (OLIVEIRA, LIMA, LUNA, 1996).

As informações coletadas foram gravadas e transcritas, com a autorização dos entrevistados, e lhes foi assegurado que suas identidades não seriam reveladas. De certa forma, notei uma melhor desenvoltura depois que lhes informei sobre isto. A pesquisa foi realizada com jovens homens e mulheres, dos países de Angola, Cabo-Verde, GuinéBissau, Moçambique e São Tomé e príncipe, que totalizam 5 (cinco) países localizados no Continente africano, com idades na faixa de 22 a 28 anos, estudantes da Unilab, e com tempo de estudo com mais de um ano e meio. Os números de participantes foram determinados de forma intencional pela pesquisadora.

Tabela 01- I parte das entrevistas

	H1		M1		H2	M2		H3
SEXO	MASCULINO		FEMININO		MASCULINO	FEMININO		MASCULINO
IDADE	24	24	24	23	25	PAÍS		SÃO TOMÉ GUINÉ
	CABO ANGOLA		MOÇAMBIQUE					
			BISSAU		VERDE			

Fonte: elaboração da acadêmica

Tabela 02- II parte das entrevistas

M3 H4 M4 H5 M5

SEXO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	IDADE
20	25	22	21	21	PAÍS	MOÇAMBIQUE
	CABO ANGOLA	SÃO BISSAU	VERDE	TOMÉ		GUINÉ

Fonte: elaboração da acadêmica

Como informado nas tabelas acima, foram entrevistados 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres, totalizando 10 (dez) estudantes, um homem e uma mulher de cada um dos cinco países africanos. Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa por meio de contato prévio para marcar as datas das entrevistas. Primeiramente, houve o convite para colaborar com a pesquisa, que tinha relação com o que eles tinham vivido no país deles, em relação ao tema deste trabalho e depois a vivência deles aqui no Brasil. Desta forma, aceitaram o convite e compartilharam seus conhecimentos e experiências, através de entrevistas, as quais tiveram duração entre 10 e 60 minutos. Todos que foram convidados concordaram em participar e as entrevistas foram feitas aleatoriamente, com um participante por dia, portanto foram 10 (dez) dias para se cumprir esta etapa do trabalho. Com o término das entrevistas, o conteúdo adquirido foi transcrito. Após a transcrição, as repostas dos estudantes foram utilizadas como base reflexiva para os três capítulos deste trabalho. A análise dos dados foi feita a partir do que foi dito pelos estudantes com base nos textos utilizados neste trabalho sobre o devido tema.

Em concordância com o que foi dito nesta parte do trabalho, o primeiro capítulo irá abordar sobre a Dominação masculina, que encontra os movimentos feministas como uma forma de resistência aos modelos de sociedades patriarcais que produzem inúmeras opressões às mulheres. Também traz a religião, cultura e tradições como forma de legitimação destes modelos de sociedades. A família matriarcal e suas possíveis interconecções com os movimentos em apoio às mulheres, o que se foi conquistado atualmente com estes movimentos, resultando no protagonismo feminino na política e em outras áreas sociais.

Já o segundo capítulo relata os preconceitos e tabus que as mulheres africanas enfrentam pela sociedade, no caso de gravidez na adolescência, no caso de não querer formar uma família de acordo com as tradições; por fim, reflete sobre as lutas pela promoção da igualdade de gênero das próprias mulheres africanas.

O terceiro capítulo traz a vivência e a relação dos estudantes destes países na UNILAB; as mudanças comportamentais provenientes de possíveis choques culturais; também traz as convicções dos estudantes a respeito da universidade e, por último, a comparação de parâmetros societários, nos quais os estudantes definem as diferenças entre os brasileiros que convivem e as pessoas de seus respectivos países, sempre na análise das relações de gênero.

CAPÍTULO II - DOMINAÇÃO MASCULINA X FEMINISMO: O EMBATE NOS PAÍSES LUSÓFONOS DA ÁFRICA

2.1. Dominação masculina, cultura, e a influência da religião

Os países que compõem a lusofonia africana e que fazem parte dos programas de cooperação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB, carregam características semelhantes, comuns entre si. Um dos aspectos que parece coligar essas diferentes nações (são cinco: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola Moçambique e São Tomé e Príncipe) é uma forte tradição patriarcalista assentada, principalmente numa dominação masculina, que se constrói por força de vários horizontes, pela cultura, pelas religiões e pela tradição. É nesse sentido que este primeiro capítulo, irá explanar acerca destas questões, a partir do conhecimento empírico dos estudantes da UNILAB, oriundos da lusofonia africana.

Essa leitura das falas desses estudantes que cá estão, se sustenta, todavia, no aporte teórico dos autores que discutem sobre temática da dominação masculina. Sabemos que esta dominação não está presente apenas no contexto africano, pelo contrário, se encontra em qualquer parte do mundo, incorporada de acordo com cada cultura e com cada religião. Na verdade, essa predominância do homem é uma construção social histórica em que a mulher ocupa uma posição de submissão a ele, e seu papel é apenas de casarse, ter filhos, cuidar da casa e da família, legitimando um pensamento misógino, em que a mulher é naturalmente mais frágil que o homem, e lhe deve obediência e subordinação:

[...] discursos misóginos legitimam a ordem estabelecida, justificam a hierarquização dos homens e do masculino, e das mulheres e do feminino em cada sociedade determinada. São sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e outro sexo e, a partir daí, determinam os direitos, os espaços, as atividades, e as condutas próprias de cada sexo (ASSIS, 2010, p.10)

É verídico que não podemos ver isto com maus olhos, pois cada mulher tem seus sonhos, planos, e muitas almejam casar e construir uma família. Mas por outro lado,

quando o casamento se torna uma obrigação, que é imposta como uma regra, e que não há como fugir dela, aí sim se torna um problema social, e se torna pior quando dizem que as mulheres não podem ir além de cuidar dos filhos, e de seus afazeres domésticos. Como disse, cada mulher tem em mente o que quer para si, e assim como muitas podem ter o desejo de casar e construir uma família, outras simplesmente podem querer ter uma vida autônoma, sem compromissos, sem filhos, e isto tem se mostrado cada vez mais forte no século XXI, na era pós-moderna (LAUREANO,2010).

Mas vamos tratar especificamente dos países africanos que foram citados anteriormente. Através do relato dos estudantes e dos autores que falam sobre este tema em África, poderemos ter uma noção de como isso funciona por lá. Primeiramente, falaremos da influência que as religiões impõem sobre este assunto, e não só a religião, mas também costumes e tradições de suas variadas etnias. O Cristianismo e o Islamismo têm bastante adeptos em todo Continente africano, segundo os estudantes. São crenças carregadas por uma lógica misógina, em que se nota claramente em seus inscritos sagrados. No caso do Cristianismo, Eva é a única culpada pela propagação do pecado no mundo, ocasionando na expulsão dela e de Adão do paraíso. Portanto, ela foi punida por seu ato, sendo totalmente desvalorizada e condenada a uma posição inferior ao homem:

A misoginia não é uma invenção, mas um fato histórico. Toda a simbologia que nos fala da expulsão do homem e da mulher do paraíso traz para a humanidade a perda da condição divina, essencialmente ligada à mulher, a nódoa do pecado, porque foi ela que se entregou ao demônio. Pecadora, ela terá de se redimir na submissão e resignação. Submissão e situações diabólicas nortearão a vida da mulher, construindo a sua satanização na história, prolongando-se até os dias atuais. Será a —Porta do Diabol porque foi ela que tocou a árvore de Satã e quem primeiro violou a Lei Divina. Desse modo, as mulheres praticamente ficaram à margem da sociedade, marginalizadas. Para o sistema patriarcal, que tinha como uma de suas ações a desvalorização prática e simbólica da mulher, o prestígio masculino e sua identidade eram reconhecidos e cada vez mais valorizados (ASSIS, 2010, p. 7)

E no Islamismo, também encontramos passagens em que percebemos notoriamente a condição submissa da mulher, conforme esta citação com um trecho do livro sagrado desta religião, o *Alcorão*:

No Alcorão, o livro sagrado dos mulçumanos, escrito por Maomé e, de acordo com este povo, atribuído ao profeta pelo próprio Deus, há várias referências à

inferiorização da mulher e à consequente valorização do homem: —Não se legou ao homem calamidade alguma maior do que a mulher” (ASSIS, 2010, p.15)

Sobre as semelhanças entre essas duas religiões, e as religiões de matrizes africanas, o Islamismo é a que contém mais características em comum com as tradições religiosas de alguns países da África. Então, falaremos um pouco mais sobre as etnias dos países mencionados, deixando novamente bem claro que este trabalho não pretende se aprofundar nas questões etnográficas de cada país, porém vão ser citadas algumas etnias para exemplificar a família patriarcal, e em certos casos matriarcal, mantendo sempre em foco o contexto de opressão no qual a mulher está inserida.

Mas primeiramente vamos falar da expansão do Islamismo sobre dois dos países citados, Guiné-Bissau e Moçambique. O Islã se mostrou cada vez mais presente na África Subsaariana depois do século XVIII, no qual ocorreu tamanha disseminação desta religião, e isso se deve ao fato de que o Islamismo passou a incorporar os elementos com centrais de muitas religiões tradicionais e dos costumes da sociedade africana pertencentes a esses países, e uma das características em comum, por exemplo, era o casamento poligâmico (GARCIA, 2003).

Em vista desse processo de incorporação de alguns aspectos das religiões tradicionais africanas, cabe-nos falar um pouco mais sobre o Islamismo e principalmente da posição da mulher em seu contexto. Os deveres das mulheres estão ligados a uma tradição patriarcal muito forte que cerceiam a liberdade e as coloca em posição de submissão perante o homem:

O papel da mulher na sociedade islâmica é influenciado por diversos aspectos políticos e por várias tradições sociais, psicológicas e culturais. Após anos de lutas, a mulher conseguiu adquirir direitos equivalentes aos do homem, todavia, esses direitos demoraram a surgir. Nos primórdios dessas lutas por igualdade, as mulheres mulçumanas tinham mais regras e deveres do que direitos. Não somente eram consideradas como um brinquedo e um ser inferior ao homem, mas também como tendo muitas deficiências, inclusive intelectuais e religiosas (LARA, MAGEON, DIEHL, 2012, P. 6-7).

Apesar de associar o papel da mulher de submissão à religião islâmica, percebemos que este papel não pode ser associado apenas a religião em si, mas também aos traços culturais de acordo com cada país, que neste caso trata-se dos países africanos: “Uma das explicações da opressão das mulheres no Islã está ligada aos costumes e hábitos que muçulmanos costumavam manter das regiões onde se firmavam, desde que esses estivessem em sintonia com seu pensamento tribal” (LARA, MAGEON, DIEHL, 2012, p.7).

Mas o Islamismo não é a única religião destacada por colocar a mulher numa posição inferior ao homem. A religião Cristã também tem muitos adeptos na África, sendo a segunda maior do continente africano, mas, ao contrário do Islamismo, esta não tem tantas características comuns com as religiões tradicionais, porém, das poucas que tem, uma delas é justamente a submissão da mulher ao homem. Deixando novamente bem claro que estamos problematizando um contexto de opressão sob a mulher.

A autora Paulina Chiziane, uma escritora moçambicana, cita em “*Eu mulher... Por uma nova visão de mundo*”, um trecho da bíblia que fala da criação, fazendo uma clara crítica, onde a mulher cedeu ao pedido da serpente e em seguida foi amaldiçoada por Deus:

Deus disse: “não é bom que o homem esteja só”. Adormeceu-o, tirou uma das suas costelas e transformou-a em mulher. O homem disse: “é o osso dos meus ossos e carne da minha carne”. Mas a mulher fez-se parceira da serpente. Tomou a fruta da árvore proibida, comeu-a. Sentindo-a deliciosa deu-a ao homem. Ambos abriram os olhos para o bem e para o mal. Por isso Deus amaldiçoou a mulher e disse: “multiplicarei os tormentos da tua gravidez. Serás governada pelo homem que será teu senhor” (CHIZIANE, 2013. P.199)

Sabemos que estas religiões não estão apenas no Continente africano, pelo contrário, são as duas maiores do mundo. Então vamos fazer uma abordagem mais específica no que se refere à África, mais precisamente em Moçambique, já que falamos do islamismo e do cristianismo na sociedade africana, agora vamos explicar acerca de uma das etnias mais numerosas de Moçambique. Trata-se dos povos Tsonga, localizados em territórios do próprio país e também na África do Sul, tradicionais das religiões *Bantu* (COELHO, 2009).

Ainda sobre o texto de Paulina, ela explica como é essa inferioridade da mulher nas religiões *Bantu*, faz uma comparação ao cristianismo, e em seguida fala dos castigos que a mulher recebe se algo ruim ocorrer à comunidade:

Na mitologia Bantu, depois da criação do homem e da mulher, não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. [...] todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado, são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infratoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nado-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (CHIZIANE, 2013, p.199)

Ainda neste contexto da etnia Tsonga, Paulina (2013) faz um breve relato de sua infância até a fase adulta, e narra alguns fatos que ocorreram neste período, destacando o sofrimento e a tristeza das mulheres das quais ela observava, e o quanto era difícil e dolorosa a vida das mulheres de sua etnia e suas condições mediante a uma sociedade patriarcal:

Acompanhava todos os passos da minha mãe. No rio, enquanto me banhava, a minha mãe cantava e lavava roupas e mágoas. As outras mulheres faziam o coro. Estas cantigas umas vezes eram suspiros e outras, murmúrios de angústia. Já em casa ouvia as cantigas de pilar milho e as de pilar amendoim. Eram todas tristes. O que consegui observar é que os homens ouviam-nas com total indiferença. Em momento nenhum da minha vida me recordo de ter ouvido, da boca de um rapaz ou de um homem, estas cantigas de mulher (CHIZIANE, 2013, p.201)

Podemos perceber através dessas religiões de matrizes africanas e também das oriundas de outros lugares, que a dominação masculina se exerce pelos meandros da cultura, das tradições e das religiões na África, porém, não é uma unanimidade. Existem

também as etnias em que as mulheres dominam, as famílias matriarcais tradicionais, e as mulheres mais jovens das capitais destes países, que lutam por seus direitos, e pelo seu lugar na sociedade, caracterizando uma forte relação com o feminismo negro contemporâneo. É sobre esse embate da família matriarcal e patriarcal, com o crescimento do feminismo em alguns destes países, que iremos falar posteriormente.

2.2. A família matriarcal e possíveis interconecções com o feminismo

Muito se fala acerca da dominação masculina em África. Entretanto, “existem também aquelas etnias em que a mulher domina, que são as famílias matriarcais. O termo “matriarcal” deriva do grego e do latim *mater* que faz referência a palavra mãe e *archein* (*arca*), *a que reina, que governa*” (DICIONÁRIO SENSAGENT, 2013). Isso caracteriza o embate entre sexos na África, em que algumas regiões são predominantemente patriarcais, já em outras o domínio é matriarcal, como afirma a estudante de GuinéBissau:

Isso vai depender muito da região, das etnias que são muitas, e, portanto, varia muito os hábitos de cultura para cultura, há casos de que a dominação é feminina, mas em outros acontece o contrário, justamente por essas diferenças de costumes, hábitos e educação. Em muitas famílias sempre o homem é o responsável por sustentar, e a mulher tem que ser submissa ao marido, e cuidar de seus afazeres domésticos, apenas. Mas em outras não, como no meu caso, estudei com meus irmãos em escolas particulares, e não houve a divisão de gêneros, meus pais me deram a mesma educação formal que meus irmãos. Mas em outras etnias, acontece, por isso que não posso afirmar que a dominação masculina é uma coisa coletiva, em todo país, em alguns casos pode-se encontrar, mais em outros não (ESTUDANTE M1, 2016)

Vemos então que a dominação masculina não é uma unanimidade nesses países. De acordo com a estudante guineense há sociedades em que a mulher realmente exercem um papel muito importante, até mais que homens. No caso de Guiné-Bissau, podemos citar os bijagós, etnia esta que nomeia um conjunto de ilhas no total de 80, e são conhecidos por adotar o modelo de uma sociedade matriarcal. As mulheres são fundamentais para atividades como a pesca, agricultura, além de outras. Essa hierarquia

das mulheres fica evidente neste trecho do trabalho de Eva Kipp, *Guiné-Bissau - Aspectos da Vida de um Povo*:

Deus, o Criador, existiu sempre, e no início, da vida foi criada a primeira ilha - a ilha de Orango - que era o mundo. Mais tarde chegou um homem e sua mulher, de nome Akapakama. Eles tiveram quatro filhas a que deram os nomes de Orakuma, Ominka, Ogubane e Oraga. A seguir surgiram os animais e plantas. Cada uma das filhas de Akapakama teve por sua vez, vários filhos, os quais receberam, por parte do avô, direitos especiais. Os de Orakuma receberam a terra e a direcção das cerimónias nela realizadas, bem como o direito de fazer as estatuetas do Irã, tendo sido a primeira executada por Orakuma e feita à imagem do Deus. Este direito seria também dado por Orakuma às suas irmãs. Os de Ominka receberam o mar e passaram a ocupar-se da pesca. Os de Oraga receberam a natureza com as bolanhas e as palmeiras, o que lhes daria a riqueza. Os de Ogubane receberam o poder da chuva e do vento podendo desencadeá-los, controlando assim o suceder das épocas da seca e da seca e das chuvas. Assim, as quatro irmãs desempenhavam funções diferentes, mas que se complementavam (KIPP, 1994, p. 44)

A origem do mundo segundo os bijagós, coloca claramente a mulher numa posição privilegiada com relação ao homem, caracterizando assim o domínio da família matriarcal. Pela mulher gerar vida, lhes é imposto o poder para ser exercido sobre seu clã. No caso de a família não poder dá estudo ou oportunidades iguais aos filhos, é dado preferência às mulheres, ficando assim os homens sem estudar, e este fato deixa bem evidente a posição de superioridade da mulher (BUALA, 2011). Porém, há estudiosos que discordam que a etnia bijagós seja matriarcal, como vemos neste trecho sobre o sócio antropólogo Raul Fernandes:

Raul Fernandes acredita que a sociedade Bijagó não é matriarcal. Segundo ele, o sistema patriarcal exercese diferentemente em várias partes do mundo e, no caso dos Bijagós, há algumas particularidades na forma como o patriarcado acontece; que está estritamente ligado ao grau de estruturação que as mulheres Bijagós têm e que se deve, em grande medida, à forma como elas se organizam, ou como a sociedade organizou o seu processo de socialização. “As mulheres mantiveram entre si certas formas de transmissão do saber e de organização da sociedade muito ligadas à idade, mas também às formas de cerimónias e ao religioso. E isso dá uma certa coesão ao grupo das mulheres que conseguem ganhar uma autonomia cerimonial e religiosa, e faz com que elas possam estar presentes nas suas relações com as entidades e outras formas de poder masculino numa situação de poder discutir direitos face-a-face”. (BUALA, 2011).

Segundo Raul Fernandes, apesar dos bijagós serem considerados matriarcais, na verdade o que acontece é o respeito as mulheres, e lhes é atribuído o devido valor e reconhecimento de sua importância neste contexto. Na verdade, isto não é um pensamento exclusivo desse antropólogo, e podemos também fazer uma pequena análise sobre este modelo social. O que na verdade deixa a desejar no que se refere a uma sociedade ser completamente matriarcal é o fato do poder feminino não ser absoluto, diferentemente do que acontece na sociedade patriarcal, onde o homem domina totalmente. Outro fato que podemos levar em consideração, é que no modelo matriarcal as mulheres são líderes de seus clãs, e lhes é atribuído o papel de trazer o alimento para casa dentre outras atividades, mas este fato não impede que os homens também as realizem. Por isso que há contradições no que se refere ao matriarcalismo, pois ele, em comparação ao patriarcalismo, não exerce poder absoluto sobre o gênero que é considerado “inferior”, mas sim reconhece que a mulher é fundamental, pois é a mãe de tudo, que concebe a vida.

Isso evidencia as diferenças desses dois modelos sociais na África, onde um se exerce a partir de um poder exclusivamente masculino e muitas vezes ditatorial, o patriarcalismo; e o outro, porém não podemos afirmar que o modelo matriarcal não tenha a mesma força que o patriarcal, talvez seja apenas a maneira das mulheres de liderarem, sem ter a necessidade de inferiorizar ou oprimir. Mas onde se encaixa o feminismo neste embate? É justamente na luta das mulheres para conquistar seu espaço na sociedade, a luta pela igualdade de gênero, que floresce uma dimensão feminista destas lutas.

Por ter se tornado um tema universal, o feminismo contemporaneamente possui diversas ideias distintas de acordo com cada contexto, porém sua essência é a mesma: “todos eles se opõem ativamente à existência das estruturas sociais que promovem a discriminação e a opressão das mulheres, com base em preconceitos de gênero” (BAMISILE, 2013).

Nos países luso-africanos por exemplo, segundo (Estudante M2), há muitas mulheres que participam desses movimentos na luta pelo reconhecimento de seus direitos e também para que seja dada a devida atenção a sua importância, não só no lar cuidando de sua família, mas também em outras situações. Este esforço das mulheres africanas não

se iniciou recentemente, pelo contrário, desde a luta pela independência de seus países as mulheres já mostravam que tinham garra, força para guerrear, levando seus filhos para a guerra para batalhar juntamente com os homens, como relata a estudante de GuinéBissau:

A mulher tem um papel muito importante, não só agora na atualidade, mas também desde os tempos de independência, contribuíram muito na construção do país, na luta, tiveram muitas heroínas que deram força, garra, com seus filhos, fizeram de tudo, levaram armas para guerra, fizeram comida, entregaram todo o seu melhor para ajudar, pois a mulher além de ser mãe, possui uma tripla função, que é trabalhar, cuidar dos filhos e do marido. Mesmo as mulheres que não tiveram uma educação formal, contribuíram e ainda contribuem bastante para o país (ESTUDANTE M1, 2016).

Desde então, as mulheres vêm lutando cada vez mais, na busca de alcançarem seu espaço na sociedade africana. Entretanto, o feminismo não é bem visto por muitas pessoas, ou pela grande parte da sociedade, a até mesmo por escritoras africanas. Alegam que o feminismo não é algo legítimo da África, e podem afetar suas culturas, hábitos e costumes tradicionais. Para autoras Aidoo (1998) e Acholonu (1995), o feminismo pode ser comparado a uma erva daninha que se instalou na África, e acreditam que isso pode prejudicar seriamente os valores africanos, e ainda afirmam que quem são adeptos dessas ideias feministas, não são verdadeiros africanos, e estão sofrendo uma colonização mental de conceitos que não são oriundos da África (BAMISILE, 2013).

Cabe-nos problematizar sobre esta visão de que lutar pelos direitos das mulheres podem afetar culturas e tradições. Na verdade, o feminismo pode incomodar ou definitivamente ser contra o modelo de família patriarcal, que é tido em maior parte da África, em algumas regiões mais fortemente, em outras nem tanto, como já foi dito anteriormente. Sob essa ótica de “ameaça aos valores”, realmente pessoas que são apegadas estritamente as tradições, podem ter um pouco de dificuldade em entender essa ideia, e achar que as mulheres lutam por uma posição melhor pode ser um completo absurdo. Não cabe a mim, dizer o que é certo ou errado, na verdade, temos que entender esses diferentes pontos de vista. Trago novamente a questão da autonomia da mulher, como falei no início do capítulo, há mulheres que realmente gostam e sonham em apenas casar e ter filhos, até porque dependendo do meio do qual ela está, é apenas a única

possibilidade, e neste caso quando não há possibilidades de escolha, só resta a aceitação. Entretanto, há aquelas que simplesmente não concordam com essa condição imposta a elas e desejam ser diferentes, serem autônomas e realizar outros sonhos além de se casar.

A questão de se opor ao modelo patriarcal, não significa ser contra casar ou ter filhos, mas trata-se de algo que afeta profundamente, que é a inferiorização da mulher, e como ela pode ser objetificada neste contexto, como a autora Paulina Chiziane (2013) exemplificou perfeitamente o drama das meninas que são dadas em casamento à homens bem mais velhos, e as mulheres que afogavam suas mágoas nos rios, e desabafavam com canções tristes e angustiantes. Apesar de haver pessoas que se opõe ao feminismo na África, há mulheres que concordam com seus conceitos e buscam amparo neles para continuar lutando por seus direitos e principalmente por sua liberdade de escolha, sua autonomia.

Falando em autonomia, temos uma importantíssima escritora africana que discute abertamente sobre este tema, fazendo relatos de suas experiências, e como foi difícil as pessoas aceitarem que ela fosse uma feminista. Primeiramente, ela mencionou uma situação que ocorreu em sua infância, quando seu melhor amigo a chamou de feminista, e posteriormente, narrou a situação em que sua professora da universidade da qual estudava, a criticou por suas ideias “ baseadas em livros ocidentais”:

Okoloma, era um dos meus melhores amigos de infância [...]. Um dia, na casa dele, discutíamos-metralhávamos opiniões imaturas sobre livros que havíamos lido. Não lembro exatamente o teor da conversa. Mas eu estava no meio de uma argumentação quando Okoloma olhou para mim e disse: “Sabe de uma coisa? Você é feminista! ”. Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele- era como se dissesse: “Você apoia o terrorismo! ”. [...]. Mais tarde, uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano e que, se eu me considerava feminista, era porque havia sido corrompida pelos livros ocidentais[...] (ADICHIE, 2015, p.11-14).

Mas a escritora se fortifica ainda mais na sua posição de feminista apesar das críticas, e atualmente é reconhecida pela sua luta pela igualdade de gênero. Chimamanda é nigeriana, mesmo não fazendo parte dos países pesquisados, sua realidade muito se assemelha a das mulheres de Angola, Guiné-Bissau, Cabo-verde, Moçambique, e São

Tomé e Príncipe. É uma só luta. É luta da mulher africana por seus direitos, e seu espaço na sociedade. E com isso a dominação masculina tende a diminuir principalmente nas capitais dos países pesquisados, dando espaço a uma nova configuração social, em concordância com a frase de Chimamanda: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura. (ADICHIE, 2015, p.48)

2.3. Direitos e conquistas das mulheres africanas: política e carreira profissional

São muitos os direitos e conquistas das mulheres desde após os processos de independência dos países que compõem a lusofonia africana, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980. Conquistas essas no âmbito político, profissional e pessoal. De acordo com as entrevistas dos estudantes, todos falaram que as mulheres têm importantes cargos na política, em alguns países em maiores quantidades, em outros já nem tanto. Mas dentre estes, vou citar alguns trechos das entrevistas no qual os estudantes relataram acerca deste assunto, começando pelo estudante de São Tomé e Príncipe:

Conheço mulheres que ocupam diversos cargos bem posicionados, tem uma cujo nome é Maria das Neves, que começou como secretária, e passou por muitos cargos, chegou a ser primeira ministra do Governo São-Tomense, e atualmente é vice-presidente da Assembleia. Também há muitas mulheres que ocupam cargos de ministras, deputadas, nas escolas como diretoras e professoras, e a grande maioria que ocupam cargos nas escolas, são as mulheres (ESTUDANTE H1, 2016).

Em Cabo verde, as conquistas das mulheres se mostram presentes, mesmo ainda em 1978, quando foi criada uma comissão organizadora das mulheres. Essa comissão incentivou a elaboração de muitas Instituições em prol dos direitos das mulheres, e posteriormente dos direitos humanos em Cabo –verde:

Essa organização tinha a missão de mobilizar e enquadrar a massa feminina para a liquidificação da injusta condição de desigualdade que a mulher tem em relação aos homens. A tarefa fundamental da OMCV, era consciencialização das mulheres para assumirem o lugar que lhes cabe na construção nacional, as

levando as participarem em todas as esferas da sociedade. Com a transição do mono partidarismo para multipartidarismo, ou seja, com a instauração do regime de democracia pluripartidária, várias instituições e associações vocacionadas para a problemática da mulher foram criadas pelo governo e pela sociedade civil. De entre as várias as instituições e associações que surgem a partir de 1990, vamos fazer referência aos mais relevantes. No concernente às instituições criadas pelo Governo destacam – se a Comissão Nacional dos Direitos Humanos e a Cidadania (CNDHC) e o Instituto de Condição Feminina (ICF), que mais tarde passou a ser designado de Instituto Cabo-verdiano para Igualdade do Género (ICIEG). (CAMACHO, 2010, p. 20,21).

Em Moçambique, por exemplo, a estudante relatou que há mulheres que ocupam cargos bastante importantes, não só na política, e falou de algumas que ocupam estes cargos: “Tem várias, tem a Assembleia geral da República, que a presidente é uma mulher, a Ministra do trabalho, e a Governadora da capital do meu país, e muitas outras que ocupam cargos muito importantes na política” (ESTUDANTE M3, 2016)

Em Angola, foi protocolada à *Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos* o direito das mulheres em África, reconhecendo o quanto é importante a igualdade de gêneros e baseada nos direitos humanos internacional das mulheres. A seguir, um trecho do protocolo criado em defesa das mulheres:

Reconhecendo o princípio da promoção da igualdade entre homens e mulheres consagrado no Acto Constitutivo da União Africana, na NEPAD e noutras pertinentes declarações, resoluções e decisões, que realçam a determinação dos Estados Africanos em garantir a plena participação das mulheres africanas no desenvolvimento da África, como parceiras em pé de igualdade; Considerando a necessidade de adopção das normas jurídicas destinadas a eliminar todas as formas de discriminação e a promover a igualdade entre homens e mulheres em Angola; Nestes termos, ao abrigo das disposições combinadas da alínea k) do artigo 88.º e do n.º 6 do artigo 92.º, ambos da Lei Constitucional, a Assembleia Nacional emite a seguinte resolução: 1.º — É aprovado, para adesão, o Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, relativo aos Direitos da Mulher em África, anexo à presente resolução e que dela é parte integrante.(Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, relativo aos Direitos da Mulher em África, 2003, p.1)

Por último, em Guiné-Bissau, também há muitas mulheres que se envolvem na política. A participação e representação da mulher é bem ativa, de acordo com a estudante, porém, os homens ainda continuam sendo maioria nos cargos, mas a ascensão vem ficando cada vez mais fortalecida, segundo a estudante:

Há muitas mulheres que ocupam bastantes cargos, principalmente na política, mas se olharmos nas estatísticas há mais homens que ocupam os cargos, mas as mulheres têm sim grande participação, um exemplo é a ministra de educação Odette Semedo, também trabalha como escritora, Valentina que é ministra da Saúde, e há muitas outras. As mulheres guineenses são muito corajosas, ajudam em tempos de campanhas eleitorais, nos discursos, nas falas, faz toda diferença a participação da mulher na política (ESTUDANTE M1, 2016)

Sabemos que esses países conseguiram suas independências recentemente e que a promoção de igualdade de gênero pode apresentar falhas quando se é levado a prática, mas não podemos esquecer que esta situação não é exclusiva da África, pelo contrário, a igualdade de gênero é um problema até em países considerados de primeiro mundo, que possuem uma longa história desde suas independências. Por isso a luta das mulheres é universal, buscando seu espaço na sociedade, sua autonomia e principalmente escolhendo sempre onde quer estar, com quem quer estar, o que quer fazer, primando o direito de ir e vir, fazendo suas próprias escolhas.

CAPÍTULO III - TABUS E PRECONCEITOS SOFRIDOS PELA MULHER NA SOCIEDADE AFRICANA

3.1. Gravidez na adolescência: E agora?

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP 2013), o Continente africano é o que tem o maior índice de gravidez na adolescência do mundo. Um fato que prejudica diretamente as mulheres, na questão da saúde, carreira profissional, e principalmente na vida pessoal (AFRICA PROGRESS PANEL, 2013). Esse quadro não implica apenas em sua privacidade, de ter que lidar com os gastos, educação, bem-estar, do filho que veio precocemente, mas também ter que conviver com o preconceito que pode acontecer por parte da sociedade e até de seus familiares.

Nos países pesquisados, pude notar pela fala dos estudantes, a grande quantidade de estereótipos que ainda são atribuídos às mulheres. Na questão da gravidez na adolescência por exemplo, a jovem passa por inúmeros problemas, que se agrava ainda mais se não estiver casada. Como padrão social, o ideal é que a mulher se case, para depois ter filhos. Na África, com a incidência de casos de gravidez na adolescência, muitas vezes as meninas se casam depois com os respectivos pais das crianças, ou isso simplesmente não acontece, afetando profundamente a vida das jovens, de acordo com o estudante de São Tomé e Príncipe:

Acontece muito a gravidez na adolescência no meu país, os pais muitas vezes não querem assumir, e as meninas abandonam a escola para cuidar do filho, e sobre esta mesma questão, há uma pesquisa feita em São Tomé que diz que há muitos casos de gravidez na adolescência, em que as meninas acabam se virando, e muitas vezes também são expulsas de casa pelos pais, e isso acontece frequentemente. E principalmente pelo fato de os pais da criança não assumirem, elas acabam que sustentar os filhos sozinhas, e isto acaba sendo reconhecido na sociedade, pelo fato de ela se esforçar para dar condições ao filho, diante de um contexto social em que as condições financeiras são totalmente complicadas. Por este fato, também é vista como uma mulher guerreira (ESTUDANTE H1, 2016).

Como disse o estudante, as mulheres acabam sendo reconhecidas como guerreiras, quando sustentam seus filhos sozinhas. Mas estamos no contexto em que ocorre durante sua juventude, quando o preconceito se faz presente no decorrer desta fase de gravidez. Segundo a estudante M5, também de São Tomé e Príncipe, a questão da gravidez precoce se torna uma dificuldade não só para a jovem e sua família, mas também se torna um agravante para a saúde pública:

De alguns anos para cá, esses casos aumentaram consideravelmente, principalmente entre universitárias entre os 15 a 17 anos de idade. Em geral todos acham prejudicial a gravidez precoce, tanto para a saúde da mãe, como para o Governo pois causa muitos gastos, e por conta disso, estão fazendo palestras nas escolas, incentivando e instruindo os jovens a se prevenirem, pois além da gravidez podem contrair doenças sexualmente transmissíveis. Não consigo entender por que meninas universitárias estão engravidando tanto, pois desde a escola recebem instrução para como se prevenirem, e até depois das palestras são distribuídas camisinhas. Com relação a sociedade, com certeza isso não é bem visto, pois o que é previsto é que as jovens terminem seus estudos sem terem filhos, principalmente se não forem casadas (ESTUDANTE M5, 2016).

De acordo com a fala da estudante, a gravidez se torna um grande obstáculo principalmente na fase da adolescência, e como uma questão de saúde pública, ela cita ocasiões em que os jovens possam contrair doenças sexualmente transmissíveis, e o que está sendo feito por parte do Governo na tentativa de minimizar esses casos. Também destaca que este acontecimento não é bem visto pela sociedade, pois seria bem melhor se as moças terminassem os estudos sem filhos, pois isso seria o ideal, especialmente se não tiverem num matrimônio.

De todas as entrevistas que tive oportunidade de fazer, nenhum dos estudantes me falou sobre consequências negativas que podiam recair sobre os pais adolescentes, apenas as moças, em algumas situações, sofrem por terem engravidado sem ainda terem uma vida estável, um marido, pois isso é o que se espera de uma mulher na sociedade, casarse e ter filhos. A desigualdade de gênero está enraizada e legitimada, principalmente em sociedades patriarcais, como vimos anteriormente, onde a mulher sempre é responsabilizada e julgada por atos que não realizou só, como é o caso da gravidez precoce.

A educação familiar é diferente para homens e mulheres. Os homens comumente, são aconselhados a aproveitar e “curtir a vida” principalmente em sua juventude. As mulheres por outro lado são educadas desde crianças a cuidar da casa, de suas bonecas, e ser exemplarmente uma “moça de respeito”. Quando esse paradigma é quebrado, a “moça de respeito” não é vista com bons olhos, e é taxada por nomes não muito agradáveis, já os homens, comparando a realidade das mulheres, não sofrem nem a metade do que elas passam, o que caracteriza a distinção de padrões de comportamento entre homens e mulheres:

Como as normas de comportamento social e sexual são desiguais, as mulheres criam estratégias para superá-las e garantem sua atuação. Segundo as jovens, o discurso familiar sobre as diferenças entre o que homens e mulheres podem juntos ou separados prevalece como ensinamento mais enfático, principalmente no que poderá ocorrer a uma jovem caso ela engravide. Os comportamentos afetivo-sexuais e reprodutivos são os mais visados pelos familiares, porque podem trazer consequências posteriores ou criar laços de difícil dissolução. (GONÇALVES, KNAUTH, 2006, p.631-632)

Como vimos, os pais se preocupam muito com a vida sexual da filha, pois esta sim, pode criar laços de “difíceis dissoluções”, pois quando se tem um filho na juventude, principalmente na fase em que está estudando, vai resultar em muitas mudanças nas vidas das jovens, no psicológico, no físico e em sua vida em geral, sobretudo quando têm que abandonar seus estudos para se dedicar aos seus filhos. Em Cabo Verde, a escritora relata esta realidade das moças que engravidam cedo, causando uma evasão escolar:

Outras pesquisas indicam que a gestação na adolescência seria uma das causas da evasão escolar e efetivamente, professores, pais e jovens consideram que a gravidez, neste momento da vida, diminui as oportunidades da adolescente e dificulta no aprendizado ou mesmo, impossibilita, aproveitar as experiências que a juventude poder-lhe-ia proporcionar. Com a gravidez, as possibilidades destas adolescentes concluírem uma boa formação ficam claramente diminuídas verificando-se, com frequência, problemas escolares, o seu rendimento tende a ser inferior e abandono dos estudos é muitas vezes inevitável. Diante disto, o abandono verifica-se, mesmo, quando controlado o rendimento acadêmico das grávidas, as suas aspirações educativas e as características demográficas, o que acarreta importantes consequências a nível social e económico. É provável que venham a ter piores trabalhos e rendimentos mais reduzidos no futuro. Na realidade, o baixo nível de formação e a inexistência ou escassa experiência profissional, aliadas às responsabilidades parentais (inalienáveis), aumentam a possibilidade de não encontrarem trabalho ou de que este seja mal pago. Assim sendo, a gravidez na adolescência e a iniciação das relações sexuais devem ser analisadas tendo

em atenção os fatores sociodemográficos e sobretudo a questão cultural (PINA, 2014, p.6)

Tudo isso contribui para que as jovens deixem seus sonhos de lado, e se dediquem a vida doméstica, no caso de casarem, ficam totalmente dependentes do marido. A autora falou da questão de fatores sociodemográficos e também culturais, os quais levam bastante peso quando esta situação ocorre. Por exemplo, se a jovem engravidar antes do casamento, e se o rapaz reconhecer a criança como seu filho e quiserem casar, há muitos preparativos para o casamento tradicional de cada etnia, consumando assim a união dos dois. Mas no caso em que o jovem não queira assumir a criança, os pais dão total apoio a filha, ou também pode acontecer o contrário, e mesmo que o pai não queira assumir, quando o filho crescer e tiver a aparência de seu pai, ele vai ter que assumir a criança (ESTUDANTE M1, 2016). Os fatores sociodemográficos afetam bastante a vida dessas jovens mães, limitando e impondo barreiras que contribuem para não dar continuidade aos estudos, de acordo com esta pesquisa feita em Cabo-Verde:

Em Cabo Verde, cerca de 46% das mulheres de 20-24 anos de idade tiveram seu primeiro filho antes dos 20 anos. Uma, em cada cinco jovens (20%) andava na escola quando engravidou pela primeira vez. Esta proporção diminui à medida que aumenta a idade da primeira gravidez. Apenas 40%, destas jovens continuaram a estudar depois do nascimento da criança. As principais razões por terem deixado os estudos foram “não ter com quem deixar o filho, vergonha e falta de condições económicas (PINA, 2010, p.14)

É bastante problemática a gravidez na adolescência, principalmente para as mulheres, e isto é inegável, pois podem trazer consequências que por muita das vezes são irreparáveis para essas jovens, não só por abandonar os estudos, mas também ter que lidar com as opiniões maldosas das pessoas que culpam as adolescentes por não terem responsabilidade, sobretudo as jovens que são o principal alvo de comentários preconceituosos, como relata o estudante de Angola:

Sempre há alguns casos de gravidez na adolescência, e quando isso acontece, novamente a mulher é subjugada, e também é uma desonra para sua família, que consequentemente se torna a mercê dos julgamentos maldosos que as pessoas fazem, que responsabiliza os pais pelo ato da filha, afirmando que os pais não deram uma boa educação para a filha. Portanto, a sociedade e família censuram mais a parte da jovem, que envergonha sua família, e por outro lado, o jovem que a engravidou e sua família, não sofrem tanto o desprezo social. (ESTUDANTE H5, 2016).

Podemos então concluir que a gravidez na adolescência não é só prejudicial na questão de saúde pública, pois a gravidez antes dos dezenove anos de idade é considerada de risco pois as meninas ainda não estão totalmente desenvolvidas, e se optaram pelo aborto, poderá ter consequências mais graves, lhe custando até a própria vida:

Para a medicina, toda a gravidez até os 19 anos de idade é considerada uma gravidez de risco, uma vez que os ossos da bacia ainda não estão completamente formados e as consequências ao corpo podem sérias. As consequências psicológicas de uma gravidez na adolescência são tão preocupantes quanto as consequências fisiológicas. A começar pelo fato de que na grande maioria das vezes a gravidez é indesejada. Conflitos familiares, com o pai do bebê e possível rejeição de círculos sociais são consequências que podem trazer várias sequelas à mãe, incluindo as temíveis recusas ao bebê e depressão pós-parto (PINA, 2010, p.7).

A intenção de argumentar sobre gravidez na adolescência, não é fazer apologia a esta questão, levando em consideração o tema deste trabalho, o objetivo é falar sobre o contexto de opressão no qual as mulheres estão, e como isso pode afetar em larga escala suas vidas. Este assunto tão delicado geralmente é taxado pelas pessoas como falta de responsabilidade, falta de educação, e tantos outros, mas quem sofre mais o preconceito e discriminação perante esta situação, sem dúvidas, é a mulher. E muitas vezes não pode ter a vida que sonhou, porque não é ajudada e muito criticada por seus atos, e essas são as consequências, mas não significa que ela tenha que passar por tudo isso sozinha, sem amparo. A diferença como as pessoas criticam a mulher por engravidar cedo, e o homem por tê-la engravidado é exorbitante, e por conta disso, temos que problematizar esta questão, pois este ato não foi apenas cometido por ela.

3.2. “Não quero casar”: As consequências de uma escolha

O casamento é uma união sagrada muito importante para as religiões de quaisquer vertentes, catolicismo ou protestantismo, e também para as de matrizes africanas, que possuem os casamentos tradicionais de cada etnia. É bastante considerado pois é através dele que se é formada uma família, pelo menos é o que se espera dele. Na entrevista com os estudantes dos cinco países, pude perceber que as chances de uma mulher não querer casar são quase remotas, e que isto não é muito comum lá, mas mesmo perante este cenário, percebi através da fala deles suas posições acerca deste assunto. Primeiramente, analisei as informações que os estudantes me relataram, e denotei que se isto pode acontecer, é mais provável que aconteça nas capitais, pois nas regiões do interior fica mais difícil devido as tradições serem mais predominantes.

A questão de formação familiar é o principal intuito do casamento, ter um companheiro, filhos, é muitas vezes um sonho a ser almejado para a maioria das mulheres. Mas também acontece de primeiro terminar os estudos, se possível uma formação acadêmica, adquirir bens materiais, e o casamento ficar em último plano, como relata a estudante de São Tomé e príncipe:

Em alguns casos, ela não é vista com bons olhos, como no meu caso, que quando dizia a minha mãe que queria estudar, e primeiro conquistar bens materiais como casa, carro, dentre outros, sem depender de um companheiro, minha mãe e algumas parentes me diziam que isso não era o certo, era errado, e que o correto seria a mulher casar, pra depender do marido, pois quando a mulher é muito independente, e não é casada, lhe é atribuído muitos nomes pejorativos, e quer ser solteira para fazer coisas erradas. (ESTUDANTE M5, 2016).

De acordo com a estudante, é mais aconselhável para uma mulher casar-se logo para depender inteiramente de seu marido, e ficar a total disposição para cuidar dele e dos filhos que poderão vir posteriormente. No caso de uma mulher ficar solteira, sempre haverá questionamentos por conta disto, pelo fato das pessoas não concordarem, e por estar fora do padrão social, como diz a estudante de Guiné-Bissau:

A forma que a sociedade vai vê-la vai depender muito da sua condição financeira da sua posição social, por exemplo, se ela for uma mulher rica que não pretende formar família e fazer o que quer, raramente terá problemas nessa questão de julgamento das pessoas, e também em outras condições sociais, pode ser compreensível, mas pode ter um motivo para que ela não queira casar, algum problema com um relacionamento que ela já teve, essas coisas, mas não é comum casos desse tipo (ESTUDANTE M1, 2016).

A estudante relatou que o julgamento vai depender de sua classe social, e que uma mulher que não queira casar pode ter passado por algum problema em um relacionamento anterior, e pode até ser uma hipótese válida, e reafirmou que não é comum estes tipos de casos. Mas por outro lado, pode ser uma escolha pessoal, sem que tenha passado por um trauma, simplesmente as mulheres podem querer ter uma vida autônoma, bancar as próprias despesas, e não ter o desejo de casar. O estudante de Angola falou sobre como pode ser vista a imagem de uma mulher que não queira casar, pela sociedade:

A princípio é uma pergunta polêmica, mas mesmo assim vou responder. Ela não é vista com bons olhos, a sociedade a julga, condena quanto a isso, porque lá tem a ideia que se você é mulher, tem que ser mãe, tem que ter sua família, cuidar do seu esposo, e a mulher que só pretende trabalhar, sem ter a intenção de formar sua família não é vista de uma maneira respeitosa, nem pela sociedade, nem pela sua própria família (ESTUDANTE H5, 2016).

A questão é polêmica sim, mas pode ter o mesmo peso para o homem? Será que ele será tão criticado por não casar, como uma mulher pode ser? Nem tanto. O casamento está sempre associado ao fato de ter filhos, e para se ter filhos, biologicamente falando, não é necessário um casamento, como vimos no tópico anterior a questão de gravidez na adolescência, em que as meninas engravidam antes do suposto casamento. Então vamos nos embasar no tópico anterior para falar mais deste debate. Supondo que uma moça engravidou na adolescência, mas o pai não quis reconhecer a criança, deixando a mãe criar o filho só. Se porventura, o pai que não assumiu quiser casar, não enfrentará tantos problemas, já mãe que ficou cuidando do filho, mesmo que ela queira casar, pode não ser tão fácil, de acordo com o estudante Moçambicano: “Quando a mulher engravida na adolescência e não fica com o pai da criança, é muito difícil futuramente arranjar um marido” (ESTUDANTE H3, 2016).

Nesta situação, nota-se com clareza o preconceito contra a mulher e com isto podemos afirmar que o casamento, após o nascimento do filho, com outras pessoas, não tem o mesmo peso para homens e mulheres. Há também a questão da cultura, que em sociedades patriarcais praticamente obrigam as mulheres a se casarem, mesmo contra sua própria vontade, como diz a estudante de Angola:

Essas mulheres são muito mal vistas pelas pessoas, afirmam que elas não podem seguir o que quer, pois há toda uma cultura que deve ser obedecida, e quando não a praticam como tem que ser, se torna um desrespeito, porém já tem mulheres que tem esse tipo de pensamento, mas não é muito comum se ver por lá (ESTUDANTE M2, 2016).

Vale ressaltar, que não estou discutindo o casamento em si, e ele por si só não é um problema. O problema é que ele pode vir a ser um grande sacrifício até mesmo antes de acontecer, para algumas meninas que estão querendo primeiramente estudar para ter uma carreira profissional, adquirir uma estabilidade financeira, para depois realizar o casamento. Falo com base nas estudantes estrangeiras que entrevistei aqui no Brasil, e também amigas e conhecidas que tenho, a grande maioria são jovens, e saíram de seus países para estudar em outro país bem distante, longe de seus familiares, e nem são casadas, muitas já têm até filhos, mas não são casadas, o que prova que este paradigma está sendo desconstruído aos poucos. Como falei no primeiro capítulo, muitas meninas sonham em se casar e ter filhos, outras sonham em serem independentes, sem compromissos sérios, e até ter filhos sem precisar se casar, e também tem aquelas que preferem ter tudo ao mesmo tempo. A mulher deve ter autonomia, para decidir como quer levar sua vida. Em sua palestra, Chimamanda narra uma situação que aconteceu com mulheres não casadas, demonstrando o quanto a mulher pode ser criticada por suas escolhas, ou até simples situação em que se encontra, e dá sua opinião sobre o casamento:

O casamento pode ser bom, uma fonte de felicidade, amor e apoio mútuo. Mas por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento, mas não fazemos o mesmo com os meninos? Uma nigeriana conhecida minha decidiu vender sua casa para não intimidar o homem que eventualmente quisesse se casar com ela. Conheço uma outra, também solteira, que em congressos usa uma aliança de casamento porque quer “ser respeitada pelos colegas” pois segundo ela, a ausência do anel a torna desprezível. E isso em um ambiente moderno de trabalho. Há moças que, de tão pressionadas pelas famílias, pelos amigos, e até

pelo trabalho, acabam fazendo péssimas escolhas. **Em nossa sociedade, a mulher de certa idade que ainda não se casou se enxerga como uma fracassada. Já o homem, se permanece solteiro, é porque não teve tempo de fazer sua escolha** (ADICHIE, 2015, p. 32-33).

Concluo este tópico com a fala do estudante de Cabo verde, que quando perguntei como seria vista pela sociedade uma mulher que não quisesse casar, ele me respondeu da seguinte forma: “Eu acho que cada um sabe o que é melhor para si, e também nunca reparei no caso de uma mulher não querer casar, acho que isso pode ser, ao meu ver, uma coisa totalmente normal, pois cada um é livre para escolher o que quer da vida. ” (ESTUDANTE H2, 2016).

3.3. A luta pela promoção da igualdade de gênero

Por mais que os movimentos feministas na África venham conquistando seu espaço, ainda há muito ainda que se lutar pelos direitos das mulheres, principalmente pela igualdade de gênero. Vale ressaltar que essa luta não é exclusiva das mulheres africanas, e sim de todas as mulheres. Como vimos no capítulo anterior, as mulheres que são nomeadas de feministas, acabam por serem estigmatizadas na sociedade e até são chamadas de “antiafricanas” com o discurso de que estariam traindo a própria cultura. Por essas e outras que a busca pela igualdade de gênero não é nada fácil no contexto africano, pois encontram reprovação muitas vezes até das próprias mulheres.

Mas há movimentos que resistem a esta pressão social, e não deixam de se esforçarem para conquistar seus ideais. Em Angola por exemplo, há um movimento das mulheres chamado Ondjango Feminista, que é um movimento que luta pelo espaço da mulher na sociedade e pela igualdade de gênero, trabalhando sempre em prol dos direitos das mulheres e dando-lhe o máximo de apoio em reuniões que acontece semanalmente. Há duas líderes que estão à frente desse movimento, são Sizaltina Cutaia e Âurea Mouzinho que prezam principalmente o reconhecimento e compreensão de mulheres que

ainda não entendem a causa deste projeto (REDE ANGOLA, 2016). Âurea, uma das idealistas do projeto, explica como surgiu o movimento, e quais são seus objetivos:

A ideia foi surgindo entre nós as duas. Há um tempo atrás, encontramos num fórum feminista africano, no Zimbábue, e sentimos a necessidade de criar uma plataforma para mulheres feministas angolanas, onde se pudesse falar sobre os direitos da mulher. Depois, outras pessoas juntaram-se a esta vontade, como a Florita Telo, que foi fundamental na organização inicial. Encontramo-nos desde Junho deste ano, são encontros abertos a qualquer pessoa. Depois do terceiro encontro, criámos uma equipa de coordenação, pessoas que tomam algumas decisões-chave, ou que estão responsáveis pela gestão estratégica para a plataforma. Somos quatro pessoas na equipa de coordenação, selecionadas muito organicamente, e com possibilidade de se expandir à medida que a plataforma for se expandindo também (REDE ANGOLA, 2016).

Esta luta pelo direito das mulheres é uma causa nobre. Os estudantes relataram que o espaço da mulher na sociedade precisa ser conquistado cada vez mais, pois ainda é muito limitado. O estudante de Angola por exemplo, indagou acerca do espaço da mulher em seu país:

A priori, as mulheres não têm tanto espaço como em outros países, pois os cargos de maior importância no país, são ocupados por homens, e a questão dos empregos em qualquer setor, é muito melhor se conseguir para homem do que para mulher, e por conta disso, acho que a mulher não tem tanta abertura na sociedade (ESTUDANTE M5, 2016).

As lutas das mulheres africanas não começaram recentemente, e partir da análise das entrevistas, percebi o quão grande é a força dessas mulheres. Dos dez estudantes desses cinco países que entrevistei, todos me falaram que as mulheres tiveram uma participação ativa nas guerras pelas independências de seus respectivos países. Iam para as batalhas, combatiam junto com os homens, e ao mesmo tempo cuidavam de suas famílias, com muito vigor e determinação, como relata o estudante de São Tomé e príncipe:

As mulheres tiveram um papel importante na conquista de alguns aspectos úteis para a formação do país, como no processo da independência que lutavam juntamente com os homens ao mesmo tempo que cuidavam de seus filhos e maridos, e também atualmente e em alguns contextos históricos e na atualidade, formando uma instituição que é a organização das mulheres em meu país (ESTUDANTE M1, 2016)

Por mais que essas lutas sejam por diferentes causas, e tiverem ocorrido em diferentes épocas, percebemos que o desejo de liberdade é comum a elas, e até os dias atuais empenham-se em busca do reconhecimento de seus ideais, que precisam ser legitimados por toda uma sociedade, não só pelos homens, mas até por mulheres que ainda não entendem o que esses movimentos podem proporcioná-las, como diz uma das idealizadoras do movimento Ondjango em Angola:

O espaço que o Ondjango se propõe a criar é um espaço de mulheres para mulheres, acreditamos que nada vai acontecer enquanto como mulheres não tomarmos consciência da situação de injustiça na qual nos encontramos. Da desumanização a que somos submetidas diariamente, ou objetivação a que somos sujeitas. E, logicamente, todas essas injustiças, toda essa opressão, toda essa violência acontece em determinados níveis. Uma pessoa em determinada classe social não vai sofrer exatamente os mesmos problemas que uma mulher numa classe menos privilegiada. Ela é escalonada, mas enquanto mulheres, seres humanas do sexo feminino, todas somos oprimidas. O que o feminismo propõe é uma abordagem, um movimento de e para as mulheres. É conversar com as mulheres, verbalizar as nossas experiências, para que possamos reconhecer nelas a injustiça, e a partir desse processo de emponderamento das mulheres é que a sociedade vai transformar-se. O feminismo não é uma coisa que tem como foco os homens, tem como foco as próprias mulheres e nós precisamos tomar consciência dos problemas pelos quais passamos (REDE ANGOLA, 2016)

Os movimentos em busca da igualdade de gênero na África são uma realidade, e precisam tomar mais proporção do que já alcançaram, e serem realmente compreendidos pela sociedade africana. Não se trata de domínio ou uma guerra entre sexos, mas sim de direitos e reconhecimento as mulheres, que tanto sofrem pela dominação masculina, dominação essa que pode causar grandes danos a partir da violência simbólica que é imposta e vivenciada pelo sexo feminino (BORDIEU, 2012). Além do movimento Ondjango em Angola, esses são alguns dos movimentos que apoiam a causa pelo os direitos das mulheres na África:

□ **Nacional Women's Lobby Group**

É uma organização não governamental, fundada em 1997, em Zambia, por um grupo de homens e mulheres, devido à necessidade de haver mais mulheres para formar uma massa

crítica que transformaria o meio político. Assim, o processo democrático incluiria um número maior de mulheres, que correspondente a mais da metade da população. O ativismo do grupo é relacionado as questões de gênero, envolvendo os direitos humanos (SITE LADO M,2014).

□ Femmes África Solidarité

Há mais de 10 anos na luta pelas mulheres na África do Sul, o grupo se foca em alcançar a segurança, paz e igualdade de gênero por meio da comunicação. Eles acreditam que o diálogo é a chave para a resolução dos problemas, e incentivam as redes de atividades femininas dedicadas a construir a paz em suas comunidades. Também promovem o papel das mulheres na vida política do continente, para que, dessa forma, elas possam desenvolver e fortalecer suas capacidades para lideranças efetivas (SITE LADO M, 2014).

Os países de Angola, Cabo verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé Príncipe estão desenvolvendo movimentos que promovam a igualdade de gênero, segundo os estudantes, e também vimos em Angola, a criação do projeto Ondjango que tem esse objetivo de empenhar-se no direito das mulheres, para que assim possa haver uma sociedade mais justa para todos. O capítulo posterior, fala sobre a Instituição UNILAB, que proporcionou esta pesquisa e a minha convivência com estudantes destes países africanos. Também explana a vivência dos estudantes na Universidade, os choques de cultura, e a comparação dos estudantes, entre Brasil e seus respectivos países.

CAPÍTULO IV- DO OUTRO LADO DO OCEANO: AS RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS NA UNILAB

4.1. A UNILAB e sua proposta internacional

Em 2010, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira era inaugurada no interior de Ceará, na cidade de Redenção. Desde então o maciço de Baturité vem se desenvolvendo em muitos aspectos econômicos e sociais com a vinda de jovens de todo o Brasil, e também jovens dos países africanos que fazem parte desta cooperação internacional. A Universidade trouxe inúmeros benefícios para esta região do maciço e relato isso porque vivenciei essas grandes mudanças de perto e sou estudante da Unilab desde fevereiro de 2014. Através dela, conheci muitas pessoas de Angola, Cabo verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos, palavras do nosso vocabulário, assim como tive o privilégio de compartilhar e aprender referentes práticas culturais desses países, uma experiência inesquecível. Chamo a atenção para os princípios de cooperação daquela instituição:

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária. Em parceria com outros países, principalmente africanos, a Unilab desenvolve formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado. São milhares de pessoas envolvidas entre estudantes, técnicos, docentes e colaboradores. Uma oportunidade de aproximar o interior do nordeste brasileiro a uma educação avançada. Foram mais de três mil inscritos no primeiro processo seletivo (SITE DA UNILAB, 2016).

Com toda essa vivência e experiência, despertei uma diligência concernente a características culturais desses países, principalmente no que se refere às mulheres, a construção de sua sociabilidade em diferentes países. Desde então fiquei ainda mais entusiasmada quando associei dois temas relacionados a elas: dominação masculina e patriarcalismo africano, para elaborar minha monografia.

A UNILAB representa uma mudança de vida na vida de muitos jovens, sejam eles estrangeiros ou brasileiros. Com ela, tivemos a oportunidade de ter acesso ao nível superior, no interior do Ceará, o que raramente acontece em outras regiões do país, onde as universidades se concentram nas grandes capitais. Foi uma grande felicidade quando tivemos a notícia que uma Universidade Federal teria suas instalações na cidade de Redenção, que proporcionaria a esses jovens grandes conquistas e alegria para suas famílias que muitas dessas teriam seus primeiros parentes a se formarem. Esta estudante brasileira fala o que a UNILAB representa para ela:

A Unilab representa a concretização de um sonho longínquo não só em minha vida, como de muitos outros alunos que residem na região do maciço, visto que, ingressar em uma universidade é uma conquista e uma dinâmica social desafiadora. O grande desafio está quando a maior parte das pessoas que fazem parte, principalmente do meu núcleo familiar, não tiveram as mesmas oportunidades de aprendizagem e sequer cursaram o ensino fundamental como é o caso dos meus pais que são analfabetos e, portanto, não me proporcionaram nenhum tipo de estímulo para que eu adentrasse em uma Universidade, já que isso se encontrava distante da nossa realidade. Afinal, o que eles aprenderam foi manusear uma enxada, uma foice e era isso que eles tinham para ensinar tanto a mim como a meus irmãos. Voltando as ideias iniciais, a partir do meu ingresso, considero que a Unilab representou a quebra de grandes paradigmas, de inserção e acesso ao ensino superior, de interiorização deste ensino e também um processo de sociabilização internacional entre estudantes brasileiros e estrangeiros, a criação e até mesmo o fortalecimento dos primeiros laços de amizades entre tais estudantes e que passaram a proporcionar uma troca de experiências, histórias de vidas totalmente distintas mais que o projeto Unilab as uniu, e assim passo a analisar minha trajetória de vida e percebo os diferentes estágios de vulnerabilidade que são os obstáculos primários na vida de cada estudante que visa construir uma carreira acadêmica e realizar o grande sonho de ser graduado. (ESTUDANTE F1, 2016).

Como a estudante disse, a Unilab proporcionou que muitos sonhos fossem realizados, e trouxe esperança de um acesso ao ensino superior para os jovens do interior do Ceará e da Bahia. A cidade de Redenção foi agraciada com a presença desta Universidade que tem sua sede instalada nela, mas também alguns de seus Campus presentes na Bahia. A seguir o trecho do texto que fala sobre a missão da Unilab:

De acordo com sua Lei de Criação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP),

especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Vocacionada, portanto, para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, a Unilab fundamenta suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Seus cursos e ações têm foco preferencial em áreas estratégicas de interesse do Brasil e dos demais países parceiros, reunindo estudantes e professores brasileiros e estrangeiros e contribuindo para que o conhecimento produzido no contexto da integração acadêmica seja capaz de se transformar em políticas públicas de superação das desigualdades. Por isso, a Unilab representa um avanço na política brasileira de cooperação e de internacionalização do Ensino Superior, refletindo o engajamento do Brasil com a proposta da comunidade internacional. A Unilab poderá ampliar seu projeto de integração internacional, focado a priori na relação com os países de língua oficial portuguesa, estendendo suas ações, de forma gradativa, às regiões e comunidades lusófonas e aos demais países, especialmente os do continente africano (SITE DA UNILAB, 2016).

Além dos estudantes brasileiros, os estudantes naturais de Angola, Cabo verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e príncipe, reconhecem a importância que a Universidade simboliza para eles e para suas famílias. Uma grande conquista para os países que compõem a CPLP, como diz esta estudante de Guiné-Bissau:

Eu vejo a Unilab como uma Universidade oportuna que tem a política não apenas nacional, mas sim internacionalmente que envolve os estudantes de diferentes países de CPLP, que permite uma integração e uma ampla interculturalidade e a troca de experiência e conhecimento (ESTUDANTE F2, 2016).

Portanto, a Unilab propiciou oportunidades únicas para nossos jovens advindos de todo Brasil, principalmente do maciço de Baturité, e dos países africanos que são parte da CPLP. O projeto mudou completamente a vida de muitas pessoas dessa região e trouxe muitos avanços socioeconômicos e expectativas dos jovens que estão cursando o ensino médio. Quando terminei em 2013, minha ansiedade era de adentrar na Unilab, mas nunca imaginei o quanto essa experiência seria importante para mim, e como isso me impulsionaria a fazer esta pesquisa que é voltada inteiramente para essas vivências que tive.

4.2. As mudanças comportamentais provenientes de choques culturais

Através das entrevistas, também tive a oportunidade de perguntar sobre como era a convivência deles aqui no Brasil, mas especificamente nas cidades de Redenção e Acarape. Os estudantes me falaram que houve um choque de culturas, provenientes de práticas e costumes ausentes em seus países de origem. O conceito de cultura é muito discutido na antropologia, e não há um consenso por parte dos antropólogos, justamente por conta da diversidade cultural que existe no mundo (SILVA E SILVA, 2006)¹. Porém, existem muitos conceitos na antropologia sobre cultura, de acordo com o texto:

Atualmente, na Antropologia não há um consenso sobre o que é cultura, mas existem muitos conceitos diferentes. Apesar disso, há concordância com relação a alguns pontos dessas múltiplas definições. Um desses pontos afirma que diferenças genéticas não determinam comportamentos culturais, ou seja, toda divisão de trabalho com base no sexo ou na raça, por exemplo, é cultural e não predeterminada pela natureza. A mesma premissa serve na afirmação de que o meio geográfico também não determina comportamentos culturais. Assim, quaisquer tipos de discriminações sociais feitas com base em sexo ou raça, como aqueles discursos proferidos em nossa sociedade que afirmam que determinados trabalhos não podem ser feitos por mulheres [...] não possuem base biológica. Mas são discursos criados para justificar a posição dominante de determinados grupos sociais (SILVA E SILVA, 2006, p. 2-3).

Oberg (1954,1960 apud DIAS, 2012, p.25) criou o primeiro modelo de etapas ou fases do choque cultural, que segundo ele, tinha quatro etapas. A primeira fase se inicia logo após a chegada ao novo ambiente, onde “durante as primeiras semanas a maioria das pessoas ficam fascinadas pelo novo” e essa pode durar alguns dias ou até seis meses. O segundo estágio é marcado por uma hostilidade e atitude agressiva em relação a reação de antes, que era um encanto, que aumenta de acordo com a dificuldade que o estrangeiro tem em se ajustar ao novo ambiente. Segundo Oberg (1954, 1960 apud DIAS, 2012, p.26), este é o estágio da “rejeição”, onde o visitante passa a rejeitar o ambiente que lhe causa

¹ Todavia, um dos conceitos de cultura mais aceito é o elaborado pela Antropologia Interpretativa de Geertz (1989), cultura como semiótica: é uma teia de significado construída a partir das relações sociais que os indivíduos tecem como forma sobreviverem coletivamente.

desconforto. Nesta fase, também há a “regressão”, onde o ambiente da pátria de origem é glorificado a partir de um esquecimento de todas as dificuldades e problemas lá existentes. No terceiro estágio, o visitante ainda tem dificuldades, mas começa a compreender esse novo ambiente cultural, ganha uma melhor compreensão da língua e dos costumes e muda de uma atitude agressiva para uma onde começa a achar graça das diferenças e a fazer piadas de suas próprias dificuldades. Oberg (1954,1960 apud DIAS, 2012, p.26) chamou esse estágio de “caminho de recuperação”.

De acordo com Oberg (1954,1960 apud DIAS, 2012, p.26), na quarta e última fase, o estrangeiro passa aceitar os costumes do país como sendo outra maneira de viver. Ele consegue operar dentro do novo ambiente sem um sentido de ansiedade, mesmo ainda havendo momentos de tensão. Os estudantes me relataram acerca desses choques culturais. Os rapazes falaram que as meninas haviam mudado de comportamento, não de uma maneira geral pois são muitas pessoas. Eles relataram apenas das mais próximas, principalmente no que se refere a relacionamentos. Um estudante de São Tomé e Príncipe falou acerca dessa mudança, comparando as moças são tomentenses que convivem com ele na universidade, e as moças de seu país inseridas na própria cultura:

Em comparação ao comportamento daquelas que estão aqui para aquelas que estão lá, é totalmente diferente, como eu havia dito, a diferença existe sim e é muito grande, porque dizem que, elas chegam ‘cá’ elas mudam o comportamento, a forma de ser, de pensar, já se torna outro. E já aquelas que estão lá do outro lado, em São Tomé, já não tem essa visão porque ainda são submetidas dentro de uma sociedade fechada, num termo específico, e que realmente não interage com as outras culturas (ESTUDANTE H1, 2016).

O estudante destacou a questão de poder vivenciar outras culturas, que sendo assim, podem provocar mudanças de comportamento como definiu Oberg (1954,1960), anteriormente. De acordo com o estudante, as mulheres passam a ter mais segurança e mais independência, pois estão em um contexto totalmente diferente do que costumavam estar. O estudante de Cabo Verde, também relatou acerca dessa mudança de comportamento das meninas, expondo um motivo bem consistente:

Existem muitas diferenças comportamentais, e isso é devido a viagem mesmo, por estarem em outro país, com uma cultura diferente, e eu noto que elas são mais espontâneas, e mais liberais no que diz respeito a relacionamentos, e são muito diferentes com as que eu convivi em Cabo Verde, que ainda são dependentes dos pais, e fazem tudo diferente porque ainda estão sob responsabilidade dos pais, por isso não fazem o que querem, como as que estão aqui no Brasil (ESTUDANTE H2, 2016).

Como vimos, o estudante entrevistado, falou da questão de estar sob a guarda dos pais, que por isso as meninas que estão em Cabo Verde têm mais uma certa cautela das que estão aqui na universidade. São traços culturais bem diferentes, mas o fato das meninas estarem longe da família e de muitos conhecidos, deixam elas com uma sensação de liberdade, diferente do que acontece quando estão em seus países de origem.

As meninas também falaram sobre a mudança de comportamento dos rapazes, não generalizando claramente, mas relatando suas experiências com colegas próximos, do mesmo país. A estudante de Guiné-Bissau, disse o que ela achava sobre esse assunto:

Pode ter sim algumas diferenças, pois aqui é outra realidade, essa coisa de mistura de culturas, podem aprender uma coisa que é diferente, enquanto os outros que não estão aqui, não podem partilhar de outra cultura, diferentemente dos que estão aqui que podem ampliar sua visão acerca de uma cultura diferente da sua, podem aprender não muita coisa, mas um pouco de tudo, lidar com diferentes pessoas, e essa convivência acaba mudando sim um pouco do comportamento, e é um grande aprendizado que faz com que você se adapte ao meio ao qual está vivendo (ESTUDANTE M1, 2016).

A estudante de Moçambique, indagou que os rapazes que ela convive, tem um comportamento bastante diferente do que os que ela teve contato em seu país. Também relatou que se surpreendeu bastante quando chegou para estudar, e viu os moçambicanos que já estavam aqui há algum tempo, fazendo hábitos que não era nada comum de se ver em Moçambique, principalmente por parte dos homens, como ela diz neste trecho:

Convivo muito com os rapazes de meu país, e há sim muitas diferenças dos que estão aqui, para os de lá, pois aqui, quando eles combinam e fazem reuniões, todos cooperam para fazer comida, e lá não há essa igualdade de gênero entre eles, comparando com os que estão aqui, por que lá por exemplo as meninas lavam prato, e os rapazes não fazem isso, então aqui tentam acabar com isso e todo mundo é tratado de forma igual, por isso as coisas estão mudadas, e se eles voltarem pra lá vão tentar implementar aquilo tudo que aprenderam aqui (ESTUDANTE M3, 2016).

Com estes relatos dos estudantes, notamos que há sim mudanças nos comportamentos de ambos, pois estão em um país diferente do seu, e, por isso, de certa forma, se sentem mais livres para pensar de uma maneira diferente de quando estavam em seus países. Principalmente quando analisamos essas mudanças no que se refere ao gênero, pois de acordo com a fala dos estudantes os comportamentos no contexto da universidade e em seus países chegam a ser antagônicos.

As mulheres se sentem mais livres em relacionamentos sem aquela pressão familiar de casar-se cedo para construir uma família e acabam por terem a vida íntima mais livre de estereótipos sociais característicos de algumas regiões de seus países. E nos homens, as mudanças mais radicais é em questão dos afazeres domésticos, pois ajudam as mulheres a prepararem comida, arrumam a casa e, principalmente se morarem só entre homens. Realmente ambos aprendem a viverem diferentemente do que viviam e hábitos que não são comuns em seus países de origem se tornam cada vez mais presente no dia-a-dia dos estudantes da UNILAB. Como há essa questão da diferença cultural, o próximo tópico irá tratar da visão dos estudantes estrangeiros acerca dos brasileiros que tem uma relação próxima com estes estudantes.

4.3. As Comparações dos estudantes de parâmetros societários sobre gênero entre África e Brasil (países lusófonos/UNILAB CE)

Falando em aspectos sociais com relações a vivência entre gêneros, os estudantes fizeram algumas comparações mediante as suas experiências em seus países e no contexto da Universidade, retratando a convivência com os estudantes brasileiros e outros que conheciam externo a universidade. Depois do “choque cultural”, os estudantes me falaram que começaram a analisar o comportamento dos brasileiros que eles conviviam, dando ênfase em relacionamentos entre homem e mulher. Para as estudantes, pedi para fazerem uma análise sobre os estudantes brasileiros que elas conviviam e outros homens conhecidos por elas; e para os estudantes, uma análise sobre as estudantes e também mulheres conhecidas por eles além do ambiente universitário. A estudante de São Tomé

e Príncipe falou o que vivenciou com os brasileiros e fez uma comparação com os moçambicanos que ela conviveu:

Não há muita diferença de comportamento dos homens dos dois países, porém percebo que na maioria dos brasileiros há um certo “liberalismo” e também “romantismo” com relação às mulheres em seus relacionamentos, que no caso dos São tomenses, é raro de se ver esse tipo de comportamento. Além de muitos românticos, também podem ser bastante explosivos com relação a ciúmes da companheira, e pode acabar ocorrendo crimes por causa desse motivo e assusta bastante. Entretanto, os brasileiros que eu conheço são muito gentis, educados, e por isso gosto bastante de criar amizades com pessoas com esse perfil (ESTUDANTE M5, 2016).

A estudante disse que percebeu muitas características em comum entre os brasileiros e são tomenses, mas também em outras coisas, os brasileiros são totalmente diferentes de seus conterrâneos, pelo menos os brasileiros que ela conhece, costumam tratar muito bem suas namoradas e são muito delicados. Já outros são muito ciumentos e possessivos como os de São Tomé, porém termina dizendo que os brasileiros têm um comportamento mais variado com relação à mulher, já os de seu país tem um comportamento mais estático nessa relação, “ Geralmente os são tomenses são mais dominadores que os brasileiros que convivo”, disse a estudante.

Quando perguntei para um estudante também de São Tomé e príncipe, o que ele achava das brasileiras que ele conhece, ele se sentiu incomodado e não quis responder a questão. Logo disse que não poderia responder a respeito deste assunto, pois não se sentiria à vontade. Rapidamente associei este comportamento a imagem que a grande maioria dos estrangeiros tem sobre as mulheres brasileiras, que todas são altamente sexuais e que sempre estão à disposição dos homens em relação a sexualidade. De certo, há mulheres que não se importam com os padrões ditados pela sociedade e tem uma liberdade acerca de sua vida íntima. Mas o que acontece em relação a este assunto é que os homens brasileiros ou estrangeiros acabam por achar que a mulher se torna um objeto sexual, que tem que atender a tudo que for exigido pelos mesmos. Portanto, este tipo de comportamento e pensamento se tornam preconceituosos pelo fato de visualizar a mulher como uma “coisa” somente por a mesma fazer esta escolha de “Liberdade sexual” que

para os homens sempre existiu. De acordo com Bourdieu (2012), principalmente as mulheres tem esse tabu relacionado ao órgão sexual e relacionamentos íntimos:

Os esquemas que estruturam a percepção dos órgãos sexuais e, mais ainda, da atividade sexual se aplicam também ao próprio corpo, masculino ou feminino, que tem seu alto e seu baixo sendo a fronteira delimitada pela *cintura*, signo de clausura (**aquela que mantém sua cintura fechada, que não a desamarra, é considerada virtuosa, casta**) e limite simbólico, pelo menos para a mulher, entre o puro e o impuro (BOURDIEU, 2012, p.25).

Através do que o homem entende que a mulher seja “pura” ou “impura”, se for considerada “impura”, conclui então que ela não merece ser respeitada e acaba a tratando de forma desprezível. Isso claramente é um dos milhares estereótipos impostos pela sociedade e na maioria dos casos, é incorporado pelo sexo masculino.

Portanto, no meio social, este tipo de comportamento acaba por ser naturalizado, tirando totalmente o sentido de percepção que a posição que está sendo adotada em relação as mulheres não é correta. Pude perceber que essa questão de dominação masculina, só se é refletida quando se é questionada, e não só ela, mas todos os tipos de preconceitos e também conceitos que existem na sociedade.

A pergunta em questão trouxe um certo desconforto ao entrevistado, pois o que ele tinha em mente sobre as mulheres brasileiras era algo que não podia me agradar. Podemos analisar também, que ele poderia ter respondido em outros aspectos a respeito da brasileira, mas refletiu justamente na primeira coisa que veio em pensamento e quando percebeu que demonstrou sem querer o que ele pensou, ficou introvertido perante mim.

Deixei bem claro minha posição como pesquisadora, para que ele ficasse à vontade para responder à questão, e até se propôs a responder, mas não conseguiu. Compreendi a situação, e encerrei a entrevista, até porque ele estava como colaborador, e assim como ele aceitou participar, também todo direito de não querer responder à questão em pauta. Diferentemente do estudante de São Tomé, o estudante de Angola não encontrou nenhuma dificuldade ao falar sobre as brasileiras que ele conhecera. Foi muito sucinto em sua análise e deixou bem claro sua visão sobre este assunto. Poderia até pensar como o outro estudante, mas preferiu analisar outros aspectos, e destacou:

Admiro muito as brasileiras por serem batalhadoras, em grande parte independentes, que vão atrás de seus objetivos e depois as outras coisas são complementadas. As brasileiras se preocupam muito com a sua formação acadêmica ou profissional, que é diferente de lá, normalmente as angolanas não se preocupam tanto com isso, pois lá temos outros costumes, é uma cultura diferente. Aqui no Brasil a mulher tem mais chance de ser politicamente privilegiada, ter uma posição social privilegiada diferente do que acontece em Angola. Entretanto, disse que as coisas estão mudando por lá, porém as mulheres ainda estão longe de ter total liberdade na sociedade (ESTUDANTE H5, 2016).

O estudante de Cabo-Verde tem uma visão parecida com o de Angola e afirmou que as mulheres brasileiras, de certa forma, são mais “liberais” que as cabo-verdianas e que essa seria sua principal diferença:

A mulher brasileira é bem mais liberal e essa é sua principal diferença com as cabo verdianas. A voz feminina é muito respeitada, tanto em sua família, como nas escolas, universidades, e noto que as mulheres são mais ativas que os homens, pelo menos as que eu conheço e são muito determinadas, lutam não só por igualdade de gênero, mas em alguns casos, com suas conquistas, acabam se tornando superior aos homens (ESTUDANTE H2, 2016).

É confortante ver homens que apoiam as mulheres na luta por seus direitos e principalmente na busca pela igualdade de gênero, que entendem realmente o significado do feminismo que tem por objetivo livrar as mulheres de muitos contextos de opressão, seja na religião, na cultura, e principalmente na sociedade, em que a mulher é alvo de preconceitos e estereótipos que são constantemente atribuídos a elas. Saber que em sociedades predominantemente patriarcais há pessoas que apoiam a causa das mulheres, principalmente os jovens, nos dá uma esperança de que essa situação poderá mudar daqui há algum tempo e também que a mulher terá seu valor reconhecido não só pelos homens, mas por toda uma cultura, por toda religião, e por qualquer contexto que imponha a subordinação da mulher.

Entretanto, embora seja uma visão otimista acerca de uma diminuição da dominação masculina nesses meios que costumam impor a subordinação da mulher, sua concretização vai demorar de fato para acontecer, pois é um processo que necessita de muitas vicissitudes e aceitação de ideias que nem sempre são apoiadas por um consenso, que é o caso dos movimentos feministas na África, pois muitos acreditam que se lutarem pela ascensão da mulher na sociedade, estará lutando contra sua própria cultura, que é

naturalizada mesmo antes do nascimento. Mesmo que demore dias, semanas, meses, anos, décadas e até séculos para se concretizar a igualdade de gênero no mundo, nós mulheres, continuaremos lutando, até alcançar a plena igualdade de direitos entre gêneros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa proporcionou, através dos dados coletados, a caracterização dos países da lusofonia africana no que diz respeito às questões de gênero, especialmente uma reflexão sobre a lógica da dominação masculina e do patriarcalismo, a partir do ponto de vista dos estudantes da Unilab originários destes países. Partindo da questão problema, que são os contextos de opressão nos quais as mulheres estão, procurei adquirir dos estudantes seus conhecimentos empíricos sobre o tema, tanto da visão feminina, como da visão masculina, demonstrando nos objetivos, geral e específico, como se dão estes processos em seus respectivos países. Fazendo uma comparação de respostas tanto das estudantes como dos estudantes, pude notar que a dominação masculina é reconhecida por ambas as partes, tanto pelos homens quanto pelas mulheres. E esses estudantes atribuíram esta dominação justamente às religiões, sejam elas de matrizes africanas ou não; as tradições -, como ouvi durante as entrevistas, que “isso faz parte da nossa cultura”.

As falas dos estudantes confirmaram que a cultura e a religião são os principais meios de explicação para a subordinação da mulher ao homem, mas mesmo afirmando isso, eles se mostravam com ideias contrárias a estes conceitos, como se não concordassem, sempre reconhecendo a importância das mulheres desde o processo de independência de seus países em que elas tiveram um papel fundamental. Todos os estudantes, sem exceção, reconheceram que as mulheres são de grande importância para a construção de seus países. O objetivo geral deste trabalho foi analisar as narrativas dos estudantes sobre suas vivências e seus pontos de vistas sobre a dominação masculina em suas sociedades. Nesse sentido, optei por entrevistar uma estudante e um estudante de cada país para ver como cada um enxergava esta questão, que, com certeza, haveria convergências, por mais que fossem visões e posições diferentes.

Outra questão aborda pela pesquisa, que também faz parte dos objetivos específicos, foi fazer com que os estudantes fizessem uma profunda análise sobre a condição da mulher jovem grávida ou mãe em seu país. Uma das questões que possibilitou reflexões sobre a dominação masculina naquelas sociedades foi quando lhes dirigi as perguntas sobre gravidez na adolescência, no caso de os pais não quisessem assumir,

se eles poderiam sofrer o mesmo tipo de preconceito e sacrifício que as meninas sofriam, pois além de serem subjugadas pela sociedade e pela família, tinham que sair da escola ou faculdade para cuidarem dos filhos, e eles disseram que realmente, nestes casos em que os pais não assumem, os homens não chegam a sofrer nem metade do que as mulheres passam.

Nessa perspectiva, todos os objetivos foram alcançados com êxito, pois os estudantes disponibilizaram a partir de suas falas elementos sociológicos sobre a condição, ainda, de um poder sobre a mulher, processado por um tipo de dominação simbólica que se revela no cotidiano a partir da cultura, da religião e das formações étnicas. Todavia, a questão dos avanços das mulheres em seu espaço na sociedade, também foi falada pelos estudantes, alegando eles que nos últimos anos, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço na política, na área da saúde, na área da educação, em que os estudantes falaram de deputadas, ministras, enfermeiras, professores, dentre outras. Por outro lado, o estudante de Guiné-Bissau ressaltou que as mulheres têm diferentes conquistas, dependendo de sua condição e classe social:

Eu dividiria as mulheres guineenses em três categorias, pois tem aquelas que são mais tradicionais, as que são religiosas, e as que estão envolvidas na política, que tem uma vida mais eurocêntrica, e também já é uma classe alta, por isso lutam para conquistar seu espaço, e do outro lado, as mulheres que pertencem as outras categorias, são mais apegadas na questão de cuidar dos afazeres domésticos, nas suas tradições e religiões (ESTUDANTE H4, 2016).

Ele deixa bem claro em seu ponto de vista que as mulheres que lutam por seus “direitos, tem uma visão “eurocêntrica”, ou seja, algo que não seja genuíno de seu país, mas sim da Europa, pois as mulheres que são apegadas as tradições e religiões, estas sim estão cumprindo seu papel na sociedade africana, entretanto, sabemos também que esta questão da classe social pesa muito nestes fatores sociais, pois estas mulheres têm mais condições financeiras e a maioria possuem formação acadêmica, o que facilita a reivindicação as estas mulheres, em relação as de outras camadas sociais.

Como vimos anteriormente, a escritora Chimamanda que foi criticada por sua professora universitária por se auto declarar feminista, encontrou resistência até no meio

acadêmico, quando a professora alegou que ela estava se deixando influenciar por ideias ocidentais, e, portanto, “antiafricanas”. Mas são mulheres como Chimamanda, Paulina Chiziane e tantas outras que estão dando vida e possibilidade aos direitos, aos quais as mulheres antes, não tinham como desfrutarem e atualmente estão se tornando possíveis com estes movimentos feministas na África, especificamente nestes países pesquisados, como o Ondjango em Angola, que lutam em prol das mulheres.

A ONU em 2010 criou o projeto ONU mulheres, como vimos anteriormente, que visa justamente a igualdade de gênero em todo mundo. Mas como esta pesquisa é voltada exclusivamente para os países lusófonos, através da participação de seus patriotas, pude perceber a força destas meninas africanas em especial, aquelas que atravessaram o oceano, ficaram longe de suas famílias para estudarem na UNILAB, por serem mulheres, e por resistirem até mesmo a pressão da família, como disse a estudante de São Tomé, em que o desejo de sua mãe era que ela se casasse primeiro, mas ela preferiu investir em sua vida profissional, e veio estudar no Brasil.

Diante disto, sabemos que a busca pela promoção desta igualdade de direitos de homens e mulheres, não se fazem presentes só nestes países, mas é uma luta de todos, não só das mulheres, mas de toda a humanidade. É uma luta universal para que todos possamos gozar plenamente de nossos direitos. Concluo este trabalho com o desejo de aprimorá-lo futuramente, quem sabe até com uma viagem a todos estes países que pesquisei, a fim de vivenciar experiências neste âmbito, e acompanhar de perto o trabalho destas mulheres que lutam por uma sociedade mais justa.

6 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

AFRICA PROGRESS PANEL. **África possui a taxa mais elevada do mundo de gravidez na adolescência, declara o Funap**. Disponível em:

<<<http://www.africaprogresspanel.org/africa-has-worlds-highest-rate-of-adolescentpregnancies-unfpa-says-2/>>> Acesso em: 10/10/2016.

ASSIS, Anne Carolina Moraes de. **A misoginia medieval como resíduo na literatura de cordel**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará UFC, Fortaleza, 2010.

BASIMILE, Sunday Adetunji. **A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo**. Via atlântica, São Paulo, n. 24, 257-279, 2013.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**-. Tradução Maria Helena. Bertrand Brasil, 11º ed. - Rio de Janeiro, 2012.

BUALA. **Bijagós: Sociedade Matriarcal?** Disponível em: <<<http://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal>>> Acesso em: 11/11/2016.

CAMACHO, Ednilson Borges. **A participação das mulheres na política em Cabo Verde: 1975, 2006**. Universidade de Cabo-Verde- UNICV. Praia, 2010.

CHIZIANE, Paulina. **Eu mulher... Por uma nova visão do mundo**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

COELHO, Marcos Vinícius Santos Dias. **O humano, o selvagem e o civilizado discurso sobre a natureza em Moçambique colonial, 1876-1918**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DICIONÁRIO SENSAGEN. **Sociedade matriarcal**. Disponível em: <<<http://dicionario.sensagent.com/Sociedade%20matriarcal/pt-pt/>>> Acesso em:

30/10/2016.

D'OLIVEIRA, Alexandre Lemgruber Portugal; LIMA, Edmilson de Oliveira; LUNA, Íuri Novais. **Técnica de coletas de dados na pesquisa social**. Dissertação (mestrado em administração), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

ESTUDANTE F1. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 20/11/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE F2. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 21/11/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE H1. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 11/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE H2. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 13/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE H3. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 16/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE H4. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 12/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE H5. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 15/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE M1. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração**: depoimento 10/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE M2. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração:** depoimento 12/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

ESTUDANTE M5. **As relações de poder entre gêneros na Unilab e nos países africanos da integração:** depoimento 14/04/2016. Acarape, UNILAB. Entrevista concedida a Maelly Ingrid Lima Colares.

GARCIA, P.F. **O islão na África Subsaariana. Guiné Bissau e Moçambique, uma análise corporativa**, Disponível em:

<<http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS06_065.pdf>> Acesso em 11/09/2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Ltc editora, Rio de Janeiro, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Helen. KNAUTH, Daniela Riva. **Aproveitar a vida, juventude e gravidez**. Universidade Federal de Pelotas – UFPel Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 2001-2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3.ed.rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992

KIPP, Eva. **Guiné-Bissau- aspectos da vida de um povo**. Editorial Inquérito, 1994.

LADO M. **O feminismo na África**. Disponível em: <<<http://www.siteladom.com.br/ofeminismo-na-africa/>>> Acesso em: 29/10/2016.

LARA, Anne. MANGEON, Maria Cristina. DIEHL, Vitória. **Costumes e direitos das mulheres islâmicas**. Revista eletrônica, colégio mãe de Deus. Volume 3, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 23ª edição.

LAUREANO, S, D. **Mulheres do início do século XXI**. Disponível em:

<<<https://www.ecodebate.com.br/2010/03/08/mulheres-do-inicio-do-seculo-xxi-artigode-delze-dos-santos-laureano/>>> Acesso em: 09/09/2016.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia. Uma introdução**, São Paulo: Atlas. 2006, 6ª edição.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OBERG, Kalervo. Culture shock. Palestra ministrada no “The Women’s club of Rio de Janeiro”, no Brasil, em 03 de agosto de 1954. Disponível em:

<<<http://www.smcm.edu/Academics/international/Pdf/cultureshockarticle.pdf>>>

Acesso em 15/05/2016.

ONU mulheres. **Sobre a ONU mulheres**. Disponível em:

<<<http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>> Acesso em:

13/10/2016.

PINA, Domingas Andrade Silva Barbosa de. **Gravidez na adolescência e evasão escolar: Estudo de caso – escola secundária na cidade da praia**. Universidade Cabo Verde, UNESP. Dissertação de mestrado, Cidade da praia, Cabo –Verde, 2014.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Entrevista semi- estruturada e suas características**.

Disponível em: <<[https://www.portaleducacao.com.br/recursos-](https://www.portaleducacao.com.br/recursos-humanos/artigos/62328/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas)

[humanos/artigos/62328/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas](https://www.portaleducacao.com.br/recursos-humanos/artigos/62328/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas)>> Acesso

em:13/08/2016.

REDE ANGOLA. **Não é fácil ser feminista em Angola**. Disponível em:

<<<http://m.redeangola.info/especiais/nao-e-facil-ser-feminista-em-angola/>>> Acesso

em: 22/10/2016.

REPÚBLICA DE ANGOLA. **Ministério da Família e Promoção da Mulher**.

Assembleia Nacional, Angola, 11 de julho de 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique– **Dicionário de Conceitos Históricos – Cultura**- Ed. Contexto – São Paulo; 2006.

UN- Women. **Un-women membros do conselho executivo**. Disponível em:

<<<http://www.unwomen.org/en/executive-board/members>>> Acesso em: 13/10/2016.

UNILAB. **Como surgiu**. Disponível em: <<<http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/>>>

Acesso em: 05/10/2016.

UNILAB. **Integração Internacional.** Disponível em:
<<<http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>>> Acesso
em: 05/10/2016.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. **UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul;** organizado por Camila Gomes Diógenes e José Reginaldo Aguiar. Redenção, UNILAB, 2013.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Como você avalia o espaço da mulher em seu país?

2. Como se dá, mediante a uma sociedade patriarcal, a relação entre gêneros em seu país?

3. Você convive com mulheres do seu país aqui na Unilab? Há diferenças comportamentais daquelas que estão aqui, para aquelas que estão lá?

4. Até que ponto a mulher possui independência para trabalhar sem depender de seu companheiro?

5. Como pode ser vista uma mulher que não almeja um casamento?

6. É comum se ver muitos casos de gravidez na adolescência? Como é vista esta questão em seu país?

7. Há muitas mulheres que ocupam cargos políticos e de grande importância em seu país?

8. Analisando em um contexto geral da sociedade, como se dá a participação das mulheres na política em seu país?

9. Quais as diferenças culturais, referente as relações entre gêneros, que você percebe das mulheres (ou homens) do seu país para os brasileiros (ou as brasileiras)?

10. O que você acha dos brasileiros (ou brasileiras) que convivem com você?
